

Macau 澳門



RELAÇÕES EXTERNAS

VIAGEM HISTÓRICA

Primeiro périplo ao estrangeiro do Chefe do Executivo Sam Hou Fai, com quatro países europeus na agenda, marcado por ronda intensa de encontros e mais de uma centena de acordos assinados



ENSINO SUPERIOR

Universidade de Macau celebra 45 anos com o futuro em foco

BICENTENÁRIO

Marciano Baptista, o grande vulto artístico macaense do séc. XIX



DESPORTO

Futebol feminino ganha espaço nos relvados da RAEM

Plano para o Desenvolvimento Económico no âmbito de Apoio ao Estabelecimento da PRIMEIRA LOJA em Macau

A poio ao estabelecimento da PRIMEIRA LOJA de marcas estrangeiras na Região Administrativa Especial de Macau

Requisitos de candidatura

A primeira loja física deve ser estabelecida em Macau ou já se encontra estabelecida em Macau com funcionamento efectivo desde 1 de Agosto de 2025. **A marca deve ser uma marca internacional qualificada, abrangendo marcas provenientes dos Países de Língua Portuguesa e de Língua Espanhola, bem como marcas do Interior da China, da Região Administrativa Especial de Hong Kong e da região de Taiwan**

Montante do apoio financeiro

O montante total do apoio (soma do apoio financeiro básico e do(s) apoio(s) financeiro(s) adicional(ais)) é até **um milhão patacas**. Destinando-se a cobrir despesas directamente relacionadas com o início de actividade e exploração da primeira loja física de marcas estrangeiras que estabelecem em Macau.

O apoio financeiro será concedido com base nas despesas efectivamente realizadas e pago em três prestações.



* As "zonas designadas" incluem Zona de Aterros do Porto Exterior, Areia Preta e Iao Hon, Barca, Barra/Manduco, Fai Chi Kei, Doca do Lamau, Tamagnini Barbosa e Ilha Verde



Mais detalhes do Plano e candidatura

Consulta

Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento

Tel: (853) 2871 0300

Fax: (853) 2872 6777

E-mail: ece@ipim.gov.mo

www.ipim.gov.mo

Prazo de candidatura

Fase 2

2026.05.01 – 2026.07.31

Fase 3

2026.11.01 – 2027.01.31

Macau 澳門

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social do Governo da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804, Edifício China Plaza, 15.º andar, Macau

TEL. (+853) 2833 2886 | FAX (+853) 2835 5426
info@gcs.gov.mo | www.gcs.gov.mo

DIRECTOR

Wong Lok I

DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

EDITORES EXECUTIVOS

Ana Costa Macedo, Daniel Wong

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

TEAM Publicações e Consultoria Lda.
Avenida da Praia Grande, n.º 763,
Edifício Lun Pong, 9.º andar B, Macau

TEL. (+853) 2835 3934 | FAX (+853) 2835 3934
revistamacau@teampublishing.com.mo
www.teampublishing.com.mo

EDITOR

Tiago Azevedo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Emanuel Graça

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Katrina Wong

TIRAGEM

750 exemplares

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

ISSN

0871-004X

Escaneie o nosso código QR e siga-nos nas redes sociais:



FACEBOOK



INSTAGRAM



X

App da Revista Macau disponível em:



Website:



www.revistamacau.com.mo



COOPERAÇÃO EXTERNA

CHEFE DO EXECUTIVO LEVA NOVAS AMBIÇÕES DA RAEM À EUROPA

A primeira deslocação ao estrangeiro de Sam Hou Fai como Chefe do Executivo incluiu quatro países europeus e mais de 40 iniciativas, entre encontros de alto nível e acções de promoção, abrindo novas oportunidades para Macau **8**

© UNIVERSIDADE DE MACAU



Universidade de Macau: a gerar conhecimento e crescimento desde 1981

A primeira universidade moderna de Macau está a comemorar 45 anos. Peça fundamental no desenvolvimento da cidade, a instituição prepara agora o seu segundo campus, na Zona de Cooperação em Hengqin **22**



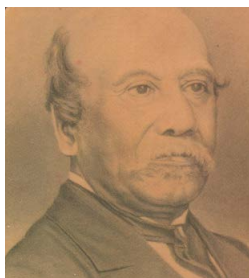
ENTREVISTA

“O intercâmbio literário necessita de plataformas que permitam o seu aprofundamento”

A propósito do livro “O Encontro dos Extremos: Intercâmbio Literário entre a China e Portugal”, o poeta, tradutor e académico Yao Jingming reflecte sobre o papel da literatura como ponte entre povos **50**

Entre a memória e as telas de Marciano Baptista

No bicentenário do seu nascimento, a Revista Macau recorda a vida e obra daquele que é considerado o mais importante artista macaense da Macau oitocentista **58**



Futebol conjugado no feminino

A realização do primeiro campeonato feminino de futebol de onze representou um impulso para a modalidade, com jogadoras e a seleccionadora a apontarem ao seu crescimento **70**



OUTROS TEMAS

Casa de canjas Seng Kei Pak Chok aposta na simplicidade como negócio **40**

Interior da China investe no bambu para combater o uso do plástico **44**

A tradição milenar do chá em Sichuan **68**

FOTOGALERIA

Alegria e encontro de culturas no Desfile Internacional de Macau **78**



+MACAU

Na cidade dos afectos e das memórias de Agnes Lam **82**

Cozinha portuguesa à mesa do Mariazinha **87**

Roteiro **90**

ASSUNTOS SOCIAIS



© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Chefe do Executivo na tomada de posse da nova direcção da Federação de Juventude de Macau

Sam Hou Fai garante apoio ao desenvolvimento da juventude

O Chefe do Executivo, Sam Hou Fai, assegurou que o Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) vai continuar a mobilizar esforços para apoiar o desenvolvimento da juventude. Segundo acrescentou, as autoridades locais pretendem aperfeiçoar os planos e políticas ligados a esta área, a fim de serem criadas condições ainda mais favoráveis para o futuro dos jovens em Macau.

As declarações do Chefe do Executivo foram proferidas durante a cerimónia de tomada de posse dos membros da nova direcção da Federação de

Juventude de Macau, que decorreu no final de Março.

Durante o seu discurso, Sam Hou Fai notou que, no futuro, a RAEM encontrará oportunidades de desenvolvimento sem precedentes em múltiplas áreas, mas também enfrentará novos problemas e desafios. Por isso, disse esperar que os jovens estejam prontos para desempenhar um papel pioneiro, abrindo caminho a novos avanços com mentalidade renovada. O Chefe do Executivo pediu ainda à juventude que acolha as transformações que se anunciam com sentido de responsabilidade, injectando na sociedade uma vitalidade renovada. ■

COOPERAÇÃO

RAEM eleita para presidência da Comissão Executiva da UCCLA

A Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) foi eleita presidente da Comissão Executiva da União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA) para o período de 2026 a 2028. A eleição decorreu no âmbito da XLIII Assembleia Geral da UCCLA, que teve lugar a 13 de Abril, em Macau.

O evento contou com a presença de 35 delegações de autarcas e empresários provenientes de cidades-membro da organização, nomeadamente de Angola, Cabo Verde, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

Desde a fundação da UCCLA, em 1985, esta foi a quarta vez que Macau acolheu a realização da respectiva assembleia geral, após as edições de 1997, 2001 e 2007. A organização conta actualmente com um total de 106 membros dos seguintes países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Espanha, além de Macau, enquanto representante da China. ■



© INSTITUTO PARA OS ASSUNTOS MUNICIPAIS

LAZER

Corredor Verde da Margem Sul continua a crescer

A Zona 2 da segunda fase do Corredor Verde da Margem Sul, que se estende desde a Torre de Macau até às Portas do Entendimento, já está aberta ao público. Ocupando uma área de 17 mil metros quadrados, dispõe de trilhos costeiros com um total de 600 metros de comprimento e de uma ciclovia, além de diversos elementos verdes.

Junto do acesso à Ponte de Sai Van, está instalada uma plataforma de pesca. Nesta zona,

aos campos de basquetebol e de badminton já existentes, foram acrescentadas mesas de xadrez.

A obra da segunda fase do Corredor Verde da Margem Sul divide-se em três zonas, que vão desde a Ponte Governador Nobre de Carvalho até às Portas do Entendimento. A área total de construção é de cerca de 60 mil metros quadrados. Prevê-se que a segunda fase do Corredor Verde da Margem Sul esteja concluída na primeira metade do próximo ano. ■



© INSTITUTO PARA OS ASSUNTOS MUNICIPAIS

FRASE



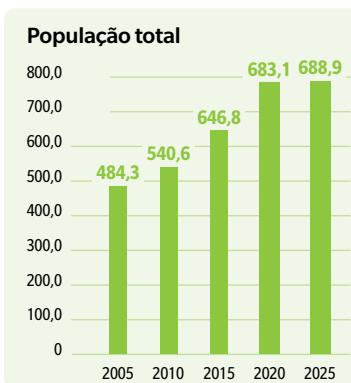
“O Governo da RAEM tem vindo a **aumentar as fontes de receita financeira** do Fundo de Segurança Social e a **consolidar a sua estabilidade financeira** a longo prazo”

O Lam

Secretária para os Assuntos Sociais e Cultura

GRÁFICO

Casa cheia



FONTE: DSEC

Macau registou um novo máximo populacional no ano passado. No final de 2025, viviam na cidade 688.900 pessoas, mais 600 indivíduos do que no ano anterior. Nas últimas duas décadas, a população total – que inclui trabalhadores não-residentes e estudantes do exterior – aumentou mais de um quarto. ■

NÚMERO

31



Número de parcerias entre empresas e instituições de ensino superior promovidas pelo Fundo para o Desenvolvimento das Ciências e da Tecnologia nos primeiros quatro meses de 2026, no âmbito de iniciativas indústria-universidade-investigação, um aumento anual de mais do dobro. ■



Destino Macau

Mais de 38 mil visitantes participaram, em Abril, na 14.ª edição da Expo Internacional de Turismo (Indústria) de Macau. O evento, com duração de três dias, contou com 730 empresas e entidades oficiais de 59 países e regiões,

num total de mais de 1500 stands. No âmbito do certame, foram assinados 79 protocolos de cooperação, reafirmando o papel de Macau como plataforma internacional no âmbito da indústria turística. ■ CRÉDITO: DST



Segurança inteligente

A 9.ª edição da “Exposição sobre a Educação da Segurança Nacional”, com duração de um mês, foi inaugurada a 15 de Abril no Complexo da Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. A grande novidade deste ano? O recurso, pela primeira vez, a robôs inteligentes, prestando serviços de visita guiada em várias línguas. ■ CRÉDITO: GCS



Momentos de glória

Macau voltou a ser palco, pelo terceiro ano consecutivo, das ITTF Taças Mundiais Masculina e Feminina de Macau, sob a égide da Federação Internacional de Ténis de Mesa (ITTF, na sigla inglesa). As finais decorreram a 5 de Abril na Galaxy Arena e coroaram os chineses Wang Chuqin e Sun Yingsha como vencedores no sector masculino e feminino, respectivamente. ■ CRÉDITO: ID

MACAU REFORÇA LAÇOS COM A EUROPA

Texto **Tiago Azevedo**

Fotografia **Gabinete de Comunicação Social**

A primeira visita oficial do actual Governo da RAEM à Europa marca um momento decisivo na afirmação internacional de Macau. O périplo por Portugal, Espanha, Suíça e Bélgica revela uma estratégia clara de reforço da cooperação externa, promoção económica e valorização do papel único de Macau como plataforma entre a China e o mundo

A deslocação do Chefe do Executivo, Sam Hou Fai, à Europa, entre 17 e 26 de Abril, representou mais do que uma agenda de relações externas de alto nível: tratou-se de um momento-chave na afirmação internacional de Macau enquanto plataforma estratégica entre a China e o mundo, sinalizando uma nova fase na articulação entre relações externas,

economia e cultura no contexto da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

A visita, que abrangeu Portugal, Espanha, Suíça e Bélgica, foi simultaneamente simbólica e pragmática, inscrevendo-se numa lógica de continuidade histórica e de renovação estratégica das relações de Macau com a Europa e no importante contexto de abertura do País ao exterior.

Tratou-se da primeira visita oficial ao estrangeiro do actual Governo da RAEM, o que lhe conferiu um peso político particular. Mais do que uma apresentação institucional, representou uma acção concreta para apresentar à comunidade internacional os resultados da implementação bem-sucedida do princípio “um país, dois sistemas” e para consolidar a imagem de Macau como uma



Encontro entre o Chefe do Executivo e o Presidente da República Portuguesa, António José Seguro (dta.)



Chefe do Executivo com a directora-geral da Organização Mundial do Comércio, Ngozi Okonjo-Iweala (dta.)



Sam Hou Fai (dta.) com a segunda vice-presidente e ministra do Trabalho e Economia Social de Espanha, Yolanda Díaz Pérez (centro), e o embaixador da China em Espanha e Andorra, Yao Jing (esq.)



Sam Hou Fai (dta.) com Younous Omarjee (esq.), vice-presidente do Parlamento Europeu

região estável, aberta e capaz de gerar oportunidades num contexto global em transformação.

Ao falar à comunicação social antes da partida para a Europa, Sam Hou Fai indicou que a visita representava também uma acção fundamental para implementar a mensagem e as instruções do Presidente Xi Jinping, proferidas aquando da sua visita a Macau no final de 2024.

O Chefe do Executivo disse que pretendia aproveitar ao máximo a vantagem específica de Macau de se “basear nos apoios da Pátria e comunicar com o mundo exterior”, contribuindo para a abertura do País ao exterior, concretizando a estratégia de “colaboração entre governo e empresas” e aprofundando ainda mais a cooperação pragmática com os países europeus nas áreas do comércio,

economia, turismo, cultura, ciência e tecnologia, entre outras.

Durante a visita, foram realizados mais de 46 eventos de diferentes tipos, incluindo encontros de alto nível, sessões de promoção de cooperação económica e comercial, promoções turísticas e intercâmbios culturais e educativos.

A escolha de Portugal como ponto de partida não foi fortuita.

Reflecte uma herança histórica e cultural singular que continua a moldar o posicionamento internacional de Macau. Em Lisboa, para além dos encontros com os mais altos responsáveis políticos portugueses, o programa integrou iniciativas culturais e económicas que realçam a pujança das relações bilaterais.

FOCO EMPRESARIAL

Ao mesmo tempo, a presença de uma delegação empresarial alargada – cerca de 120 empresários provenientes de Macau, Hengqin e de várias províncias do Interior da China – revela uma clara orientação para resultados concretos.

O modelo, descrito por Sam Hou Fai como “partilhar um

barco para navegar em conjunto”, traduz uma abordagem inovadora, em que o Governo da RAEM e o sector privado actuam de forma coordenada na exploração de mercados internacionais, uma iniciativa que recebeu o forte apoio do Gabinete para os Assuntos de Hong Kong e Macau do Conselho de Estado. A estratégia aponta também para uma transformação do papel de Macau: de intermediário passivo para agente activo na construção de redes económicas transnacionais.

A etapa espanhola reforçou esta ambição de alargamento de horizontes. Madrid surge não apenas como parceira bilateral, mas como porta de entrada para o universo dos países de língua

espanhola. A ênfase colocada na cooperação turística – área em que tanto Espanha como Macau são destinos globais de referência – sugere a possibilidade de sinergias que vão além do intercâmbio institucional, envolvendo também inovação, promoção conjunta e diversificação de mercados.

Por outro lado, o diálogo com organizações internacionais, nomeadamente em Genebra e Bruxelas, demonstrou a dimensão multilateral da visita. O encontro com responsáveis da Organização Mundial do Comércio e as reuniões com representantes de instituições da União Europeia sublinham a importância de Macau no quadro das relações económicas globais.



Recepção organizada pelo Governo da RAEM em Lisboa



O evento “Noite de Macau” encerrou o plano de actividades em Madrid

A capacidade de estabelecer pontes e participar activamente em assuntos internacionais constitui uma prioridade estratégica do Governo da RAEM.

PAPEL DE HENGQIN

A dimensão internacional da visita articula-se com a política interna de diversificação adequada da economia de Macau. A aposta em sectores como turismo, cultura e ciência e tecnologia reflecte a necessidade de reduzir a dependência de actividades tradicionais e de criar novas fontes de crescimento sustentável, segundo as autoridades da RAEM. A visita à Europa funcionou, assim, como um catalisador para a identificação de parcerias, transferência de conhecimento e captação de investimento, contribuindo para

a construção de um modelo económico mais equilibrado.

Ainda no contexto da visita, destaca-se o papel de Hengqin. A integração da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin nas iniciativas de promoção externa demonstra a crescente importância desta plataforma na estratégia de desenvolvimento regional. Hengqin surge como extensão funcional de Macau, oferecendo espaço, recursos e condições para a expansão de projectos que, de outra forma, estariam limitados pelas dimensões físicas da RAEM. A inclusão de empresários de Hengqin na delegação reforça a ideia de uma abordagem integrada, em que Macau e Hengqin actuam em conjunto para potenciar oportunidades.

No plano simbólico, a visita assume também uma dimensão de intercâmbio cultural. As exposições, os encontros com estudantes e as actividades de intercâmbio reforçam a imagem da RAEM como espaço de encontro entre culturas.

A visita, segundo Sam Hou Fai no balanço feito a 26 de Abril, constituiu uma acção prática para Macau se tornar numa importante plataforma para a abertura de alto nível do País ao exterior e numa janela relevante de intercâmbio e aprendizagem mútua entre as civilizações chinesa e ocidental. Neste sentido, adiantou, o Governo da RAEM irá reforçar a coordenação e acompanhar com empenho a concretização dos resultados alcançados no périplo europeu. ■

Novo ciclo na cooperação com Portugal

Texto **Tiago Azevedo**

Fotografia **Gabinete de Comunicação Social**

A visita oficial do Chefe do Executivo, Sam Hou Fai, a Portugal, marcada por uma intensa agenda institucional, visou afirmar o papel da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) enquanto plataforma estratégica entre a China e os países de língua portuguesa. Entre balanços e compromissos, o discurso e a prática convergem numa mensagem: aprofundar a amizade tradicional e elevar a cooperação a um novo patamar.

Ao fazer o balanço da visita a Portugal, Sam Hou Fai sublinhou os “resultados positivos e correspondentes aos objectivos previstos”, destacando o aprofundamento das relações bilaterais e a assinatura de dezenas de acordos em áreas que vão da economia à cultura. A visita, a primeira ao estrangeiro do actual Governo da RAEM, assumiu um valor simbólico e estratégico, contribuindo para “impulsionar a cooperação entre Macau e Portugal em todas as áreas para um patamar mais elevado, tanto ao nível oficial como da sociedade civil”.

Numa recepção oficial realizada em Lisboa, o Chefe do Executivo reforçou a visão de um Governo empenhado em impulsionar reformas internas de alta qualidade e uma abertura ao exterior de nível elevado, posicionando Macau como um “interlocutor de precisão” no diálogo entre a China e os países de língua portuguesa.

Sam Hou Fai realçou o compromisso de ambas as partes de reforçar a cooperação económica e comercial entre a China e Portugal através da plataforma de Macau, bem como explorar formas para encorajar as empresas de Macau e de Portugal a colaborarem para expandirem os seus negócios para mercados de língua

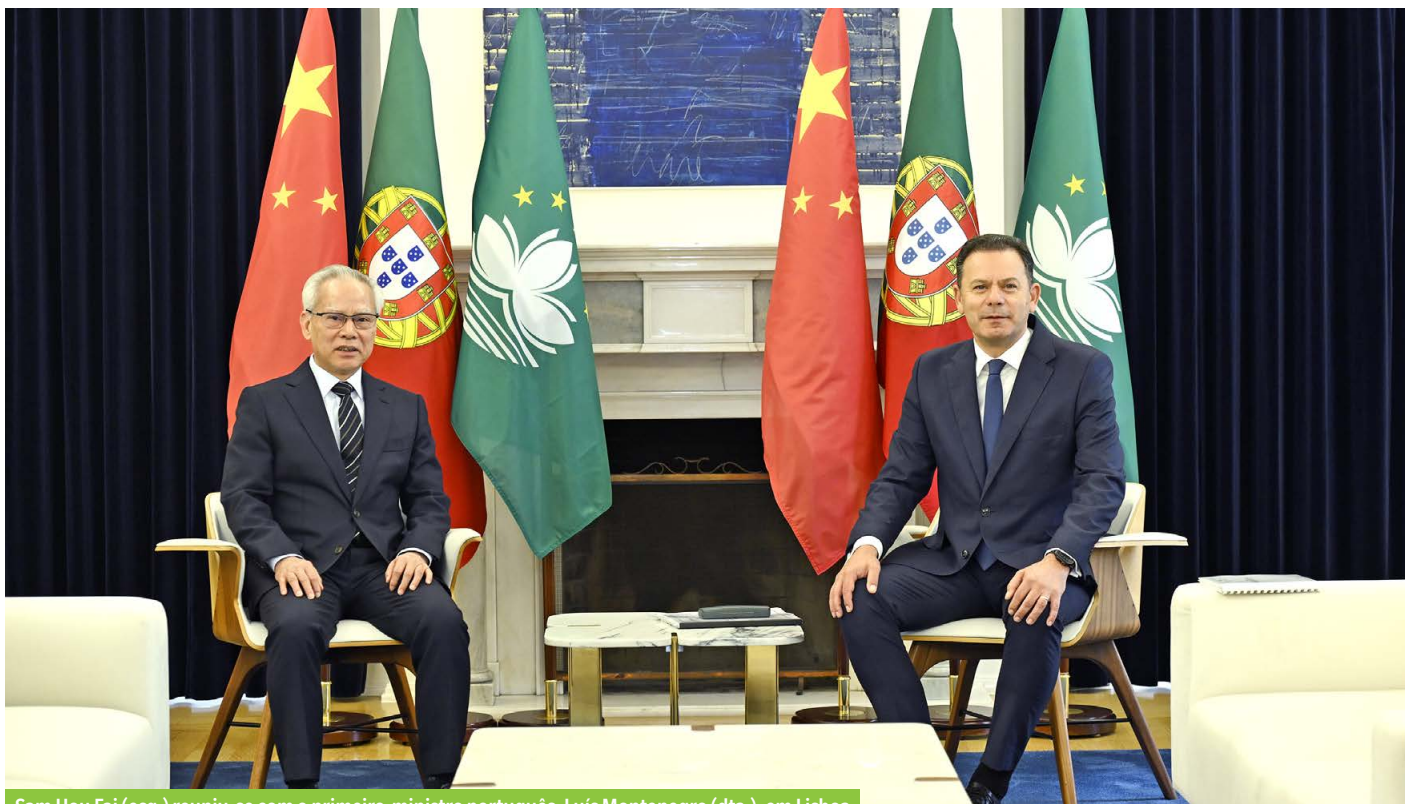
portuguesa. O Chefe do Executivo revelou que a parte portuguesa espera que as empresas do Interior da China e de Macau aproveitem a vantagem geográfica de Portugal como uma ponte para os mercados de África, Europa e América Latina, enquanto as empresas portuguesas podem fazer uso de Macau como plataforma para aceder ao mercado do Interior da China.

Encontros de alto nível

No plano político, a visita foi marcada por encontros com as mais altas figuras do Estado português. No Palácio de Belém, Sam Hou Fai reuniu-se com o Presidente da República, António José Seguro, num diálogo que reafirmou a confiança mútua e o reconhecimento do modelo de desenvolvimento de Macau.

O Chefe do Executivo destacou o papel do princípio “um país, dois sistemas” como base de estabilidade e prosperidade, salientando o seu reconhecimento internacional. O líder do Governo da RAEM referiu também que os discursos e instruções do Presidente Xi Jinping, durante a sua visita a Macau em 2024, providenciaram directivas relevantes para o desenvolvimento da RAEM.

Sam Hou Fai acrescentou que o 15.º Plano Quinquenal do País, divulgado recentemente, estabeleceu disposições relevantes para apoiar Macau na consolidação e elevação das suas vantagens competitivas, bem como na sua melhor integração e prestação de serviços na conjuntura do desenvolvimento nacional, trazendo novas e significativas oportunidades para a RAEM. Sublinhou



Sam Hou Fai (esq.) reuniu-se com o primeiro-ministro português, Luís Montenegro (dta.), em Lisboa

ainda que o Governo de Macau irá articular-se de forma activa e próxima com o 15.º Plano Quinquenal do País para a elaboração e implementação do 3.º Plano Quinquenal da RAEM, nomeadamente através do reforço do papel de Macau como plataforma de cooperação entre a China e Portugal.

Sam Hou Fai disse ainda que a RAEM, assente no seu posicionamento enquanto “um centro, uma plataforma e uma base”, se concentra em concretizar a meta de “construir um local de agregação de quadros qualificados internacionais de destaque”, continuando a impulsionar as suas relações externas, com especial enfoque na consolidação e expansão da cooperação pragmática com os países de língua portuguesa.

O Presidente português, por sua vez, sublinhou a solidez das relações bilaterais e manifestou interesse em aprofundar a cooperação em áreas como turismo, educação e transportes, incluindo a possibilidade de uma ligação aérea directa. António José Seguro disse ainda que Portugal atribui importância ao contínuo fortalecimento e ao aprofundamento do intercâmbio e da cooperação com Macau, incluindo o esforço conjunto no incentivo ao ensino da língua portuguesa.

Sam Hou Fai reuniu-se também com o primeiro-ministro português, Luís Montenegro, onde foi reiterado o potencial de crescimento da cooperação económica e comercial. A complementaridade entre Macau e Portugal – enquanto portas de entrada para os mercados chinês e europeu, respectivamente – foi apontada como um eixo central para o desenvolvimento conjunto.

No plano das relações externas, o encontro com o embaixador da China em Portugal, Yang Yirui, reforçou o enquadramento estratégico da visita, destacando a importância de Macau na abertura de alto nível do País e no fortalecimento das relações sino-portuguesas.

Economia e empresas

A vertente económica da visita revelou-se particularmente dinâmica. No encontro com o ministro da Economia e da Coesão Territorial de Portugal, Manuel Castro Almeida, foram discutidas oportunidades de cooperação em sectores como inovação, turismo e convenções, bem como o papel da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin como motor de crescimento.

O FUTURO QUE SE CONSTRÓI EM DUAS LÍNGUAS

Num encontro marcado pela proximidade e pelo simbolismo, o Chefe do Executivo, Sam Hou Fai, reuniu-se em Lisboa com cerca de 110 estudantes de Macau a frequentar o ensino superior em Portugal, reforçando o papel da juventude no futuro da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

A sessão decorreu num ambiente de diálogo aberto, onde Sam Hou Fai sublinhou o compromisso do Governo da RAEM de continuar a apoiar a formação académica no exterior. O Chefe do Executivo disse também esperar que, após concluírem os seus estudos com êxito, os estudantes regressem a Macau para porem em prática os seus conhecimentos e, em conjunto, contribuir para a construção do País e o desenvolvimento de Macau.

Recordando a sua própria experiência enquanto estudante em Portugal, Sam Hou Fai destacou a singularidade de Macau como ponte entre a China e os países de língua portuguesa. Nesse sentido, apelou aos jovens para que desenvolvam competências bilingues e uma visão internacional, essenciais para responder aos desafios do desenvolvimento nacional e regional.

As expectativas apresentadas foram claras: dedicação aos estudos, abertura ao mundo e, sobretudo, o regresso a Macau com conhecimento e ambição.

Durante o encontro, vários alunos partilharam as suas experiências e trocaram opiniões sobre as perspectivas de desenvolvimento após a conclusão dos estudos e o eventual regresso a Macau. Alguns dos estudantes expressaram a vontade de apoiar Macau a continuar a desempenhar o seu papel de plataforma, manifestando também a intenção de participar na construção do projecto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau e no desenvolvimento da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin.

O Chefe do Executivo lembrou que o Governo da RAEM já lançou várias políticas e medidas de apoio à integração dos jovens no desenvolvimento nacional, garantindo que serão criadas condições mais favoráveis no futuro, dando apoios activos para porem em prática os seus conhecimentos em diversos domínios.



Estudantes de Macau partilham as suas experiências em encontro com o Chefe do Executivo

Sam Hou Fai aproveitou para sublinhar que Macau, com as suas vantagens únicas, como o bilinguismo – chinês e português – e o sistema jurídico continental europeu, se tornou uma ponte entre a China e os países de língua portuguesa para a cooperação económica e comercial, tendo ajudado as empresas de ambos os lados a explorarem em conjunto mercados terceiros e a alcançarem benefícios mútuos.

Sam Hou Fai e Manuel Castro Almeida reuniram-se posteriormente com mais de 20 representantes empresariais que acompanharam a visita a Portugal, para trocarem ideias e estabelecerem contactos. Da delegação faziam parte representantes de empresas de alta qualidade de Macau, de Hengqin e de outros locais do Interior da China.

O esforço na área comercial foi complementado por uma visita à Associação de Sociedades Chinesas em Portugal, onde o Chefe do Executivo dialogou com representantes empresariais. O encontro evidenciou a importância das empresas como actores fundamentais na cooperação económica, destacando a necessidade de reforçar a interligação e promover um desenvolvimento conjunto.

Aquando do balanço da visita a Portugal, Sam Hou Fai revelou que foram assinados 61 acordos de cooperação, abrangendo diversas áreas como tecnologia de ponta, turismo, educação, entre outras. O governante adiantou ainda que as autoridades da RAEM, aproveitando os resultados desta visita a Portugal, irão criar uma plataforma de comunicação para as empresas de Macau e do Interior da China, visando aprofundar o intercâmbio e a cooperação entre empresas com investimentos em Portugal.

A dimensão humana da cooperação foi igualmente destacada por Sam Hou Fai no encontro com o ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel, onde se abordaram temas como a atracção de quadros qualificados e a promoção da língua portuguesa. O Chefe do Executivo sublinhou que o Governo da RAEM tem envidado todos os esforços para promover o uso da língua portuguesa e apoiar o ensino do português.

Cooperação jurídica, legislativa

No domínio jurídico, os encontros com a ministra da Justiça, Rita Alarcão Júdice, e com o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, João Cura Mariano,



Encontro entre o Chefe do Executivo, Sam Hou Fai, e o embaixador da China em Portugal, Yang Yirui

evidenciaram a solidez da cooperação judiciária. A continuidade do sistema jurídico de matriz continental europeia em Macau e a presença de magistrados portugueses reforçam a singularidade da RAEM, sublinhou Sam Hou Fai.

O Chefe do Executivo deixou a esperança de poder continuar o reforço da cooperação com o Ministério da Justiça de Portugal, em particular, aprofundando a implementação da cooperação judiciária multifacetada entre as duas regiões, proporcionando uma garantia jurídica mais sólida ao comércio bilateral e à circulação de pessoas.

O encontro com o presidente do Supremo Tribunal de Justiça reforçou essa perspectiva. A cooperação judicial foi identificada como um pilar essencial, com potencial para evoluir através da partilha de experiências e do intercâmbio entre magistrados. Sam Hou Fai manifestou a expectativa de que, com esforços conjuntos, a cooperação judicial alcance um novo patamar criando uma base ainda mais sólida para o aprofundamento do intercâmbio e da cooperação pragmática em diversos sectores.

No plano legislativo, a reunião com o presidente da Assembleia da República, José Pedro Aguiar-Branco, sublinhou a importância do diálogo institucional. A

partilha de experiências legislativas e o reforço das relações entre instituições foram apontados como caminhos para aprofundar a cooperação e melhorar o bem-estar das populações.

José Pedro Aguiar-Branco, que no início do mês de Abril efectuou uma visita à China, incluindo a Macau, destacou, no encontro em Lisboa, que a implementação bem-sucedida do princípio “um país, dois sistemas” na RAEM, para além de ser uma inovação institucional da China, constitui também um exemplo a nível mundial da coexistência harmoniosa de diferentes sistemas.

Durante a estadia em Portugal, o Chefe do Executivo participou na inauguração da exposição “Reflexos do Mar de Espelhos: Exposição de 500 Anos de Intercâmbio entre as Civilizações Chinesa e Ocidental em Macau”, um evento que funcionou como vitrina internacional do percurso da RAEM.

No final do périplo por Portugal, Sam Hou Fai manifestou a convicção de que a cooperação entre Macau e Portugal alcançará um novo patamar e Macau continuará a potenciar o seu valor único, contribuindo de forma ainda mais significativa para o desenvolvimento da parceria estratégica global entre a China e Portugal. ■

Espanha abre portas à **RAEM**

Texto **Tiago Azevedo**

Fotografia **Gabinete de Comunicação Social**

A visita oficial do Chefe do Executivo, Sam Hou Fai, a Espanha marcou um momento de viragem nas relações bilaterais, sinalizando uma ambição renovada de cooperação que ultrapassa o quadro tradicional e se projecta numa dimensão mais ampla, global e estratégica. Entre Madrid e Macau desenha-se, assim, uma ponte que não apenas reforça as relações de amizade, mas também redefine o papel da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) como

plataforma de articulação entre a China e os países de língua espanhola.

No balanço da visita, apresentado na capital espanhola, Sam Hou Fai afirmou que a relação de cooperação entre Macau e Espanha entrou “num novo patamar”, com implicações que vão além do plano bilateral, estendendo-se à dinâmica das relações sino-europeias e ao posicionamento internacional de Macau.



Sam Hou Fai no encontro com a segunda vice-presidente do Senado de Espanha, Concha Andreu Rodríguez

O eixo central desta aproximação reside na estratégia do Governo da RAEM de expandir as funções de plataforma entre a China e os países de língua portuguesa aos países de língua espanhola. Esta visão, reiterada num discurso proferido em Madrid, insere-se numa política mais ampla de diversificação económica e de internacionalização, em linha com o desenvolvimento de alta qualidade preconizado para Macau.

Ao sublinhar a importância da cooperação com os países de língua espanhola, Sam Hou Fai evocou o contexto mais vasto das relações entre a China e Espanha, reforçadas por recentes encontros ao mais alto nível político. “A minha visita a Espanha à frente desta delegação constitui não só uma viagem para promover a concretização do importante consenso alcançado pelos chefes de Estado de ambos os países, mas também uma viagem de descoberta para conhecer novos amigos e explorar novas oportunidades”, frisou o Chefe do Executivo.

Lembrando os profundos laços de amizade, Sam Hou Fai salientou que as autoridades da RAEM estão dispostas a “dar um novo fôlego” aos laços bilaterais com o país europeu, promovendo o “reforço das relações de cooperação e amizade entre Macau e Espanha”, de modo a que estas conduzam à aproximação entre os dois povos e ao “aprofundamento da cooperação prática em todos os domínios”.

A expansão da cooperação com os países de língua espanhola “constitui uma orientação estratégica do Governo da RAEM”, sublinhou o Chefe do Executivo. Além da isenção mútua de vistos com alguns destes países, iniciativas como a criação do Centro de Serviços Económicos e Comerciais entre a China e os Países de Língua Portuguesa/Espanhola e um fundo de desenvolvimento com dotação inicial de mil milhões de renminbi representam um sinal concreto desta ambição, adiantou.

Resultados concretos

Os resultados imediatos da visita ilustram bem esta nova fase. A assinatura de 48 acordos de cooperação em áreas como tecnologia de ponta, eventos internacionais e desporto demonstra a extensão dos contactos estabelecidos e das oportunidades

para aprofundar a cooperação. Ao mesmo tempo, a realização de uma feira de promoção económica com forte participação empresarial espanhola evidenciou o interesse mútuo em explorar oportunidades concretas de negócio.

No plano económico, a complementaridade entre as estruturas produtivas do Interior da China, de Macau e de Espanha surge como um factor determinante, segundo Sam Hou Fai. Sectores como energias renováveis, finanças verdes e manufactura avançada oferecem um terreno fértil para parcerias estratégicas, realçou o mesmo responsável.

Já no turismo, uma área onde ambas as regiões se destacam a nível internacional, a aposta passa pela criação de sinergias que potenciem fluxos bilaterais e promovam experiências culturais diferenciadas. A cooperação com a Organização Mundial de Turismo e o reforço da formação especializada através da Universidade de Turismo de Macau são exemplos dessa abordagem integrada.

Durante a estadia em Madrid, o Chefe do Executivo reuniu-se com o ministro dos Negócios Estrangeiros, da União Europeia e da Cooperação de Espanha, José Manuel Albares Bueno; com a segunda vice-presidente e ministra do Trabalho e Economia Social de Espanha, Yolanda Díaz Pérez; e com a segunda vice-presidente do Senado de Espanha, Concha Andreu Rodríguez.

Nos encontros, apresentou às autoridades espanholas os sucessos alcançados pela RAEM na implementação do princípio “um país, dois sistemas” em Macau e trocou opiniões aprofundadas sobre a promoção do intercâmbio e da cooperação entre Macau e Espanha, bem como sobre a exploração conjunta de oportunidades de colaboração nas áreas da economia, comércio, turismo, tecnologia de ponta, finanças, entre outras.

Por outro lado, no encontro com o embaixador da China em Espanha e Andorra, Yao Jing, Sam Hou Fai sublinhou a articulação entre a RAEM e a política externa chinesa, realçando o papel de Macau como “interlocutor de precisão” entre a China e os países de língua espanhola.

Expandir serviços

No balanço da visita a Espanha, Sam Hou Fai frisou que Macau e a Zona de Cooperação Aprofundada entre

SUIÇA E BÉLGICA COM FOCO NO MULTILATERALISMO

A visita do Chefe do Executivo a Bruxelas, na Bélgica, começou sob o signo do reforço das relações com a União Europeia (UE), evidenciando o papel crescente de Macau como elo entre a China e o espaço europeu. Nos encontros com responsáveis da UE, Sam Hou Fai destacou a vontade de aprofundar a cooperação económica, comercial e tecnológica, num contexto de abertura e transformação global.

Num encontro com Olof Skoog, secretário-geral adjunto do Serviço Europeu para a Acção Externa da UE, foram identificadas áreas prioritárias como a inovação tecnológica, o desenvolvimento verde e a integração entre indústria, academia e investigação, apontando para uma parceria orientada para o futuro. Sam Hou Fai manifestou ainda a esperança de que a UE apoie a difusão e promoção da língua portuguesa, ajudando a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) a formar mais quadros profissionais de tradução nas línguas portuguesa, inglesa e francesa.

A par deste diálogo institucional, a reunião com o chefe da Missão da China junto da União Europeia, Cai Run, sublinhou a importância da RAEM no quadro mais amplo das relações sino-europeias, tendo sido destacada a necessidade de retomar mecanismos como a Comissão Mista da UE e Macau para consolidar uma cooperação de longa data. Por outro lado, o encontro com Younous Omarjee, vice-presidente do Parlamento Europeu, demonstrou igualmente a alta consideração

da UE pelo aperfeiçoamento do intercâmbio e cooperação com Macau.

Durante a estadia em Bruxelas, o Chefe do Executivo reuniu-se com o vice-primeiro-ministro e ministro do Emprego, Economia e Agricultura da Bélgica, David Clarinval, tendo discutido oportunidades em sectores como logística, transportes e biomedicina, evidenciando a complementaridade entre as duas economias. Já o diálogo com o embaixador da China na Bélgica, Fei Shengchao, reforçou a dimensão estratégica desta aproximação, enquadrando-a no esforço mais amplo de intensificação das relações entre a China e a Europa, com Macau a desempenhar um papel activo nesse processo.

Antes da visita à Bélgica, Sam Hou Fai esteve em Genebra, na Suíça, onde o diálogo se centrou no sistema multilateral de comércio. Os encontros com representantes da Organização Mundial do Comércio (OMC) revelaram a intenção da RAEM de reforçar a sua participação enquanto economia de pequena dimensão com experiência consolidada. Na reunião com a directora-geral da OMC, Ngozi Okonjo-Iweala, foi reafirmado o compromisso de Macau com a defesa do comércio multilateral, bem como o seu papel enquanto plataforma entre a China e os países de língua portuguesa.

A cooperação com a OMC assume também uma dimensão prática, nomeadamente através da formação de quadros e da partilha de experiências. No encontro com a representante permanente da China junto da OMC, Li Yongjie, foi destacada a importância da coordenação institucional e do reforço da presença de Macau nas iniciativas multilaterais, incluindo no Fórum Público da OMC, agendado para meados de Setembro do corrente ano. A visita à Delegação Económica e Comercial de Macau em Genebra reforçou esta orientação, com indicações para ampliar o seu papel como linha da frente na articulação internacional e na expansão das oportunidades de cooperação.

No plano multilateral, o encontro com o representante da Missão Permanente da China junto das Nações Unidas em Genebra e Outras Organizações Internacionais na Suíça, Jia Guide, evidenciou a ambição de Macau em participar de forma mais activa na governação global, contribuindo para a abertura do País ao exterior. A aposta passa por tirar partido do ecossistema internacional para reforçar a cooperação com organizações internacionais, promover o multilateralismo e consolidar a função de Macau como plataforma de ligação entre diferentes regiões do mundo.



Sam Hou Fai (esq.) com Olof Skoog (dta.), secretário-geral adjunto do Serviço Europeu para a Acção Externa da UE



À chegada a Madrid, Sam Hou Fai (dta.) reuniu-se com a secretária-geral da Organização Mundial do Turismo das Nações Unidas, Shaikha Al Nuwais (esq.)

Guangdong e Macau em Hengqin podem servir como ponte para o mercado do Interior da China, enquanto Espanha pode ser a porta de entrada para os mercados de língua espanhola, incluindo a América Latina.

Segundo o Chefe do Executivo, ambas as partes acordaram em estabelecer um mecanismo permanente de ligação e articulação comercial, com o objectivo de facilitar o comércio e o investimento mútuo e impulsionar conjuntamente a expansão para os mercados de língua espanhola.

Com base na cooperação e articulação com os países de língua portuguesa, o Governo da RAEM pretende alargar as funções desta plataforma aos países de língua espanhola, visando diversificar as fontes de visitantes internacionais e ampliar a cooperação económica e comercial externa, salientou Sam Hou Fai. Nesse

sentido, adiantou, as autoridades da RAEM estão a estudar a possibilidade de estender os serviços da Delegação Económica e Comercial de Macau em Lisboa a Espanha, “a fim de apoiar as empresas de Macau e do Interior da China na exploração do grande potencial dos mercados dos países de língua espanhola”.

No início da visita a Espanha, o Chefe do Executivo reuniu-se com a secretária-geral da Organização Mundial do Turismo (OMT) das Nações Unidas, Shaikha Al Nuwais, com quem trocou opiniões sobre o aprofundamento da promoção turística, formação de quadros e expansão de mercados internacionais. No final do mês de Março, a RAEM e a OMT prorrogaram a validade do Memorando de Entendimento entre as partes até 31 de Dezembro de 2028, comprometendo-se a aprofundar a cooperação. ■



Chefe do Executivo com a ministra da Justiça de Portugal, Rita Alarcão Júdice



Sam Hou Fai cumprimenta o ministro da Economia e da Coesão Territorial português, Manuel Castro Almeida



Chefe do Executivo reúne-se com o ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros português, Paulo Rangel



Sam Hou Fai cumprimenta o presidente da Assembleia da República de Portugal, José Pedro Aguiar-Branco



Encontro entre o líder do Governo da RAEM e o presidente do Supremo Tribunal de Justiça de Portugal, João Cura Mariano



Chefe do Executivo visita a Associação de Sociedades Chinesas em Portugal



Inauguração da exposição "Reflexos do Mar de Espelhos: Exposição de 500 Anos de Intercâmbio entre as Civilizações Chinesa e Ocidental em Macau"



Exposição "Macau, Êxitos de 'Um País, Dois Sistemas'" realizada na capital portuguesa



Chefe do Executivo reúne-se com o ministro dos Negócios Estrangeiros, da União Europeia e da Cooperação espanhol, José Manuel Albares Bueno



Recepção oferecida pelo Governo da RAEM em Madrid



Público de Madrid sente a diversidade turística de Macau



Visita da delegação empresarial a um parque científico e tecnológico em Espanha



Sam Hou Fai com o representante da Missão Permanente da China junto das Nações Unidas em Genebra e Outras Organizações Internacionais na Suíça, Jia Guide, e a representante permanente da China junto da Organização Mundial do Comércio, Li Yongjie



Sam Hou Fai reúne-se com o chefe da Missão da China junto da União Europeia, Cai Run



Chefe do Executivo reúne-se com o vice-primeiro-ministro e ministro do Emprego, Economia e Agricultura da Bélgica, David Clarinval



Líder do Governo da RAEM em encontro com representantes da comunidade chinesa residente na Bélgica

MAIS DE QUATRO DÉCADAS A FORMAR O FUTURO

Ao longo de 45 anos, a Universidade de Macau cresceu em paralelo com a cidade, transformando-se numa instituição de ensino com ambição global. Com um campus moderno, crescente reconhecimento internacional e um papel cada vez mais relevante na formação de talentos, a universidade afirma-se hoje como um dos pilares do desenvolvimento de Macau

Texto **Tony Lai**

De uma pequena instituição privada situada numa encosta da Taipa a uma universidade pública com ambição global, a Universidade de Macau (UM) tem acompanhado, ao longo de mais de quatro décadas, a própria transformação da cidade. A instituição cresceu em termos de escala, expandiu o seu alcance académico e reforçou gradualmente a sua projecção internacional, tornando-se um dos principais pilares

do desenvolvimento de talentos locais e regionais.

Ao assinalar este ano o seu 45.º aniversário, a UM em pouco se assemelha à instituição dos primeiros anos. Actualmente, ocupa um campus moderno, quase 20 vezes maior, reflectindo não apenas o seu crescimento institucional, mas também a evolução de Macau enquanto centro internacional. Ao longo deste percurso, uma prioridade manteve-se constante: formar talen-





A UM contava com mais de 16.800 estudantes no início do ano lectivo de 2025/2026



A criação de laboratórios de referência do Estado na UM ajudou a projectar a área da investigação

tos para Macau e, cada vez mais, para a região.

Os números ilustram a dimensão desta evolução. Com sete faculdades e mais de 1700 académicos e funcionários administrativos, de Macau e do exterior, a UM ocupa um campus de 1,09 quilómetros quadrados. Oferece 144 cursos de licenciatura, pós-graduação e outros níveis, contando com mais de 16.870 estudantes no último ano lectivo.

Até ao final de 2025, a UM tinha formado mais de 55.900 graduados e, pela primeira vez, entrou no top 150 do ranking do Times Higher Education (THE) de 2026, um resultado do reforço contínuo da sua reputação académica internacional.

A escala e o reconhecimento actuais, porém, tiveram uma origem modesta. As raízes da UM remontam a 1981, com a inauguração da Universidade da Ásia Oriental, uma instituição privada e a primeira universidade moderna de Macau. Em 1988, o então Governo de Macau adquiriu a instituição e transformou-a numa universidade pública, para fazer face à crescente necessidade de formar uma força de trabalho qualificada antes da transferência de Macau para a administração da China, em 1999.

Seguiram-se anos de rápida transformação institucional, incluindo a transição dos cursos de licenciatura de três para quatro anos. Em 1991, a instituição passou a designar-se oficialmente “Universidade de Macau” e, no ano seguinte, foram aprovados os estatutos da instituição, medidas que

ajudaram a consolidar a sua identidade e estrutura de governação.

Nelson Kot Man Kam, presidente da Associação dos Antigos Alunos da Universidade de Macau, recorda que o corpo estudantil inicial já era um reflexo da diversidade da região. A maioria dos estudantes vinha de Hong Kong, com turmas posteriores a incluir alunos locais, bem como de Singapura e da região de Taiwan. “A oferta académica era limitada no início, e a UM só começou a desenvolver-se como uma universidade mais abrangente, com uma maior diversidade de faculdades e programas, depois de se tornar uma instituição pública”, refere.

55.901

Número total de graduados da UM até Dezembro de 2025

Nos primeiros anos, o papel da UM esteve intimamente ligado à administração pública e ao desenvolvimento da cidade. Nelson Kot, que concluiu a Licenciatura em Administração Pública em 1998, descreve uma época em que muitos funcionários públicos locais, sobretudo os mais experientes, não possuíam formação universitária. “Muitos inscreveram-se na UM para elevar o seu nível de conhecimento enquanto Macau se preparava para a transferência [de administração] e, mais tarde, para a era pós-transferência”, recorda.

A universidade tornou-se também um berço para tradutores de chinês-português e para uma geração de profissionais do Direito – advogados, procuradores, juizes e juristas – que vieram a servir o Governo e diversos sectores da sociedade.

CAMPUS, ESTATUTOS E NOVO FÔLEGÓ

Com a liberalização da indústria do jogo, em 2002, e a subsequente fase de crescimento impulsionada pelo sector do turismo, a UM passou a responder não apenas à procura de talentos para o sector público, mas também à necessidade crescente de profissionais para a indústria hoteleira. Em meados da década de 2000, consolidou-se a ideia de que Macau “precisava de uma universidade moderna, com padrões internacionais”, capaz de preparar os residentes para competir num contexto global e prontos para enfrentar novos desafios, sublinha Nelson Kot.

Este novo percurso levou à aprovação, em 2006, dos novos estatutos da UM. O Conselho da Universidade, cujos membros são nomeados pelo Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), passou a ser o órgão colegial máximo da UM, substituindo a supervisão directa do Governo e conferindo à universidade maior flexibilidade administrativa e liberdade académica.

Seguiu-se depois a mudança que redefiniu o futuro da UM. Em 2009, o Comité Permanente

da Assembleia Popular Nacional aprovou a construção de um novo campus da UM em Hengqin, sob jurisdição de Macau e com aplicação da legislação da RAEM. A expectativa era que a UM se desenvolvesse como uma universidade de classe mundial, com instalações, corpo docente, graduados e contributos igualmente de nível internacional.

O novo campus em Hengqin foi inaugurado em 2013, com a transferência total concluída no ano seguinte. O deputado Leong Sun Iok considera que esta mudança representou um passo crucial para acelerar o desenvolvimento da universidade.

“Com um campus quase 20 vezes maior do que o anterior, a UM pôde ampliar instalações, expandir programas e atrair docentes de maior calibre, reforçando a capacidade global de ensino e também na área da investigação”, afirma.

Exemplo dessa transformação foi a criação das residências universitárias, um sistema introduzido após a mudança para Hengqin e actualmente composto por dez colégios residenciais. Inspirado em modelos de universidades internacionais de referência, o sistema promove a integração de estudantes de diferentes cursos e anos, trans-

formando o ambiente residencial numa extensão da aprendizagem. “A mudança também reforçou a internacionalização da UM, facilitando a atracção de estudantes do Interior da China, regiões de Hong Kong e Taiwan, países de língua portuguesa e outras regiões”, diz Leong Sun Iok.

RECONHECIMENTO GLOBAL

No ano lectivo de 2025/2026, a UM registou 16.873 estudantes, incluindo 8095 em cursos de licenciatura e 8778 em pós-graduações – o número total representou mais do dobro dos 8000 registados em 2014 e muito acima dos 2865 estudantes ma-



O campus da UM em Hengqin, inaugurado em 2013, deu novo ímpeto ao desenvolvimento da instituição

tricolados em 1999. Cerca de um terço dos estudantes são locais, enquanto os restantes provêm de quase 60 países e regiões, sobretudo do Interior da China, evidenciando a evolução da UM como instituição focada em Macau para uma universidade regional.

Ao longo dos anos, e com o apoio do Governo Central e das autoridades locais, a UM reforçou também o seu posicionamento no domínio da investigação através da criação de três laboratórios de referência do Estado: Laboratório de Referência do Estado para Mecanismo e Qualidade da Medicina Chinesa; Laboratório de Referência do Estado em Circuitos Integrados em Muito Larga Escala Analógicos e Mistos; Laboratório de Referência do Estado de Internet das Coisas para a Cidade Inteligente.

Em colaboração com outras universidades, institutos e empresas, estes laboratórios têm contribuído para impulsionar a investigação de vanguarda e aproximam o trabalho académico das necessidades da indústria e da sociedade, segundo a UM.

Esta expansão foi também acompanhada por uma maior visibilidade internacional. A UM passou a ocupar o 145.º lugar no THE World University Rankings 2026, dez anos depois de ter sido classificada na faixa 401-500. A universidade foi ainda reconhecida na base de dados Essential Science Indicators (ESI), posicionando-se no top 1 por cento das melhores do mundo em impacto de citações em 16 áreas de investigação.

Para Leong Sun Iok, também vice-presidente da direcção da Federação das Associações dos Operários de Macau, o valor da UM não se mede apenas pelos rankings, mas pela capacidade de ajustar a oferta curricular às necessidades da cidade, que continua em constante evolução. À medida que o turismo e os resorts de entretenimento e lazer transformaram a cidade, a UM respondeu com programas como a Licenciatura em Gestão de Resorts Integrados Internacionais.

Mais recentemente, alinhada com a estratégia “1+4” de diversificação adequada da economia, a UM ampliou a oferta académica para áreas como finanças modernas, saúde e tecnologia, que fazem parte dos pilares da política de desenvolvimento da RAEM, salienta o deputado.

TALENTOS LOCAIS E ALÉM-FRONTEIRAS

Para a ilustradora local Sara Yang Sio Maan, formada em Estudos Ingleses em 2015, o impacto da UM revela-se sobretudo no ambiente académico. Tendo estudado tanto no campus antigo como no actual, Sara Yang recorda uma cultura de aprendizagem contínua. “Lembro-me de continuar a discutir livros e ideias mesmo fora da sala de aulas”, conta.

Essa experiência levou-a a prosseguir estudos no Reino Unido, onde se especializou em ilustração. Recentemente, tornou-se a segunda artista de Macau seleccionada para a Exposição de Ilustradores da Feira do Livro

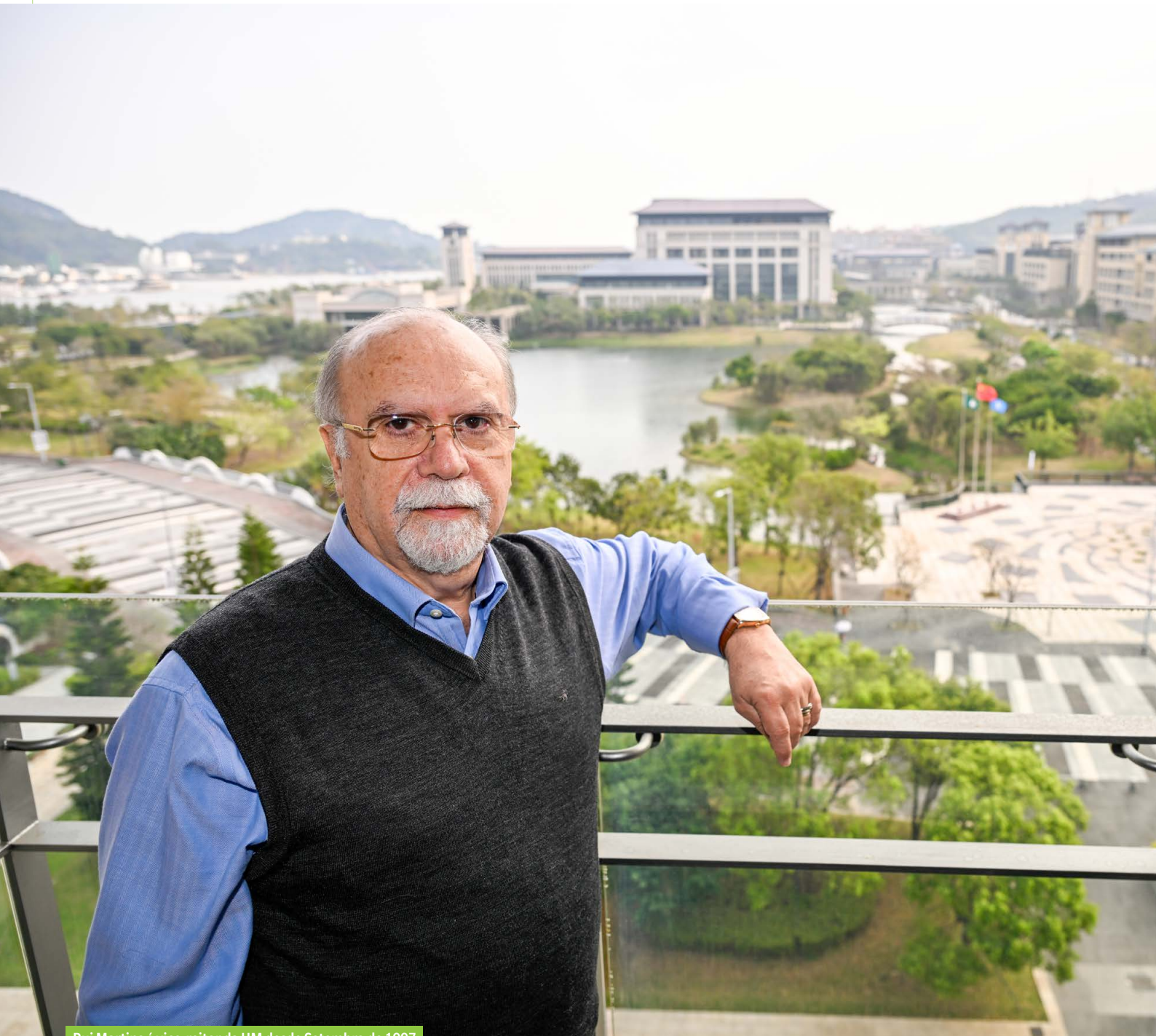
Infantil de Bolonha, um dos palcos mais prestigiados da área. “Estudar é mais do que adquirir conhecimento. É uma experiência que ajuda a pensar no que queremos fazer da vida”, sublinha.

O desenvolvimento da UM continua, com uma maior aposta na especialização e investigação. No âmbito do projecto da Cidade (Universitária) de Educação Internacional de Macau e Hengqin, um segundo campus da UM está já em construção na Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin, com conclusão prevista para o quarto trimestre de 2028.

Para Sara Yang, a expansão abrirá novas oportunidades para as próximas gerações. “Isto significa um crescimento no número e no tipo de programas que a UM poderá oferecer, pelo que os futuros alunos terão mais opções por onde escolher, o que cria novas perspectivas para as suas carreiras profissionais”, realça.

De acordo com Nelson Kot, esta nova fase representa o esforço que as autoridades de Macau têm levado a cabo para fortalecer a formação de talentos e aprofundar a estratégia de integração regional. “Ao oferecer condições de ensino de alto nível, a UM pode tornar-se um berço de talentos internacionais de elevada qualidade”, afirma. “Com o apoio contínuo do Governo Central e do Governo da RAEM, a instituição poderá também contribuir para a integração de Macau na região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau e nas prioridades nacionais mais amplas.” ■

Investigação e expansão



Rui Martins é vice-reitor da UM desde Setembro de 1997

foram apostas ganhas

Texto **Nelson Moura**

Fotografia **Leong Sio Po**

De uma pequena instituição criada no início da década de 1980, a Universidade de Macau transformou-se numa instituição pública com forte aposta na investigação científica e projecção internacional. Em entrevista à Revista Macau, o vice-reitor para os Assuntos Globais, Rui Martins, recorda os principais momentos desta evolução, destaca o reforço das ligações aos países de língua portuguesa e aborda os planos de expansão.

A Universidade de Macau celebra este ano o seu 45.º aniversário. Como evoluiu a filosofia educativa da instituição ao longo dos anos?

A Universidade de Macau foi criada em 1981 por empresários de Macau e de Hong Kong, numa altura em que não existia qualquer instituição de ensino superior [na cidade]. Estes reuniram-se e solicitaram autorização às autoridades locais para estabelecer o que viria a ser a Universidade da Ásia Oriental.

Na altura, os residentes de Macau iam estudar para Portugal, Estados Unidos, Inglaterra ou Hong Kong, enquanto as universidades no Interior da China ainda não estavam tão desenvolvidas.

Inicialmente, a maior parte dos alunos era proveniente de Hong Kong, e existiam programas de ensino ao fim-de-semana ou durante o Verão, sendo que as aulas apenas se tornaram mais regulares em meados da década de 1980, quando foram criados programas nas áreas das Ciências Sociais e da Gestão, com licenciaturas de três anos.

Em 1987, foi assinada a Declaração Conjunta Sino-Portuguesa, que marcou um período de transição de 12 anos. Tornou-se necessário formar profissionais locais capazes de assumir funções que poderiam surgir após a transferência de administração, em 1999, especialmente tendo em conta a saída de

muitos portugueses da administração pública e de empresas de Macau.

Foi neste contexto que, em 1988, o governo, em conjunto com a Fundação Macau, adquiriu a Universidade da Ásia Oriental e começou a oferecer um curso de Direito em colaboração com a Universidade de Coimbra. Mais tarde, por volta de 1989, foram criadas duas faculdades: a Faculdade de Ciência e Tecnologia, com programas de Engenharia; e a Faculdade de Ciências da Educação. Os restantes programas passaram também a ser organizados em faculdades.

Neste contexto, como é que se desenvolveu a oferta académica da instituição?

Com a chegada do último governador português, Rocha Vieira, em 1991, foi oficialmente criada a Universidade de Macau. Iniciou-se então um período de formação intensiva de quadros locais para o futuro da região, tendo também aumentado significativamente o número de estudantes locais.

Os programas académicos foram igualmente reestruturados e as licenciaturas passaram a ter quatro anos. Em meados da década de 1990, começaram a ser introduzidos programas de mestrado e, posteriormente, de doutoramento. Nessa altura, a universidade passou a integrar o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas. As principais licenciaturas e mestrados passaram a ser reconhecidos por Portugal e pela União Europeia.

Em 1999, deu-se a transferência de administração de Macau para a República Popular da China. Nessa altura, a universidade tinha cerca de três mil alunos e apenas um número reduzido de estudantes de doutoramento, uma área que estava ainda em fase inicial. Durante esse período, foi também desenvolvido

um esforço para formar docentes locais que pudessem assumir posições de professor auxiliar, já que até então a universidade dependia sobretudo de professores convidados do exterior, vindos do Interior da China, de Portugal e de outros países.

Com a criação da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), a universidade continuou a desenvolver-se. Foi criada uma lei específica para a instituição e reforçou-se a aposta na investigação científica, além do ensino. A universidade começou, assim, a afirmar-se cada vez mais como uma instituição com vocação regional, atraindo também estudantes do Interior da China, especialmente da província de Guangdong.

A universidade funcionava num campus situado

numa colina na Taipa. Em 2009, foi tomada a decisão de transferir o campus para Hengqin e a construção do novo campus foi concluída em 2014.

Durante esse período, foram também criados colégios residenciais para os estudantes de licenciatura, num modelo semelhante ao existente em universidades do Reino Unido.

O orçamento da universidade aumentou significativamente, bem como o envolvimento em investigação científica e transferência de tecnologia.

Foram também criadas novas faculdades: primeiro, a Faculdade de Ciências da Saúde, e, posteriormente, a antiga Faculdade de Ciências Sociais e Humanas foi dividida em duas: a Faculdade de Ciências Sociais e a Faculdade de Letras.



Actualmente, a universidade conta com cerca de 17 mil estudantes, aproximadamente metade em licenciatura e metade em programas de mestrado e doutoramento.

Quantos docentes trabalham actualmente na universidade?

Neste momento, devemos ter cerca de 900 docentes. Com a abertura do novo campus [na Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau] em Hengqin, prevê-se que venham a juntar-se mais cerca de 500 professores.

Referiu vários marcos ao longo destes 45 anos. Há algum outro que gostaria de destacar?

Na área da electrónica, por exemplo, os primeiros doutoramentos foram realizados em regime de duplo grau com o Instituto Superior Técnico [em Lisboa].

A partir daí, a investigação desenvolveu-se rapidamente. Em 2011, foram aprovados os dois primeiros Laboratórios de Referência do Estado em Macau: um na área da medicina tradicional chinesa e outro na área da microelectrónica. Estes laboratórios [...] são aprovados pelo Ministério da Ciência e Tecnologia e avaliados de três em três anos.

Actualmente, existem cerca de 200 destes laboratórios em toda a China. Em Macau, não existia nenhum e Hong Kong já tinha oito. A criação dos dois primeiros, em 2011, foi, por isso, muito significativa.

“O objectivo é atingir cerca de mil estudantes internacionais nos próximos dois ou três anos, excluindo, portanto, estudantes de Macau e do Interior da China”

RUI MARTINS

Vice-reitor da UM

Mais tarde foi criado um terceiro laboratório, na área da Internet das Coisas e Cidades Inteligentes, em 2018. Considero que estes são marcos importantes no desenvolvimento da universidade.

A Universidade de Macau é hoje uma instituição local com projecção global. Qual foi o ponto de viragem para essa internacionalização?

Trata-se de uma universidade baseada em Macau, mas com um âmbito regional, nacional e internacional. Desde meados da década de 1990, recebemos estudantes de países africanos de língua portuguesa, apoiados por bolsas da Fundação Macau. Com o crescimento da universidade, aumentou também a capacidade de atrair estudantes internacionais.

Actualmente, temos cerca de 400 estudantes internacionais em regime de tempo inteiro, provenientes de vários países da Europa, da Ásia, dos Estados Unidos e do Brasil. Entre estes, cerca de 80 são oriundos de países de língua portuguesa, sobretudo Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Timor-Leste.

Existe um plano de recrutamento internacional, principalmente para programas de mestrado, que oferece bolsas bastante atractivas. O objectivo é atingir cerca de mil estudantes internacionais nos próximos dois ou três anos, portanto, excluindo estudantes de Macau e do Interior da China.

Qual é a importância da ligação aos países de expressão portuguesa?

Temos dado sempre atenção a essa ligação. Desde a criação, em 2003, do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, em Macau, o número de estudantes desses países tem aumentado gradualmente.

Além das bolsas da Fundação Macau, a universidade criou também bolsas próprias para estudantes internacionais, sobretudo ao nível do mestrado. Prevemos que, no próximo ano lectivo, o número de estudantes provenientes de países de língua portuguesa ultrapasse os 100.

Esta estratégia está alinhada com a política de Macau e com o papel da cidade como plataforma entre a China e os países de língua portuguesa.

Temos também acordos de duplo doutoramento com universidades em Portugal – como a Universidade do Porto, a Universidade de Lisboa e a Universidade de Coimbra – e no Brasil, nomeadamente com a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E quanto à cooperação com universidades do Interior da China e de Hong Kong?

Temos uma cooperação muito ampla com universidades de topo do Interior da China e de Hong Kong. Fazemos parte de um grupo restrito conhecido como “C9+3”, que inclui as nove universidades mais prestigiadas da China, como a Universidade de Pequim, a Universidade Tsinghua e a Universidade de Zhejiang, bem como instituições de Hong Kong. Somos a única universidade de Macau neste grupo.

Mantemos programas de intercâmbio de estudantes e programas conjuntos de licenciatura, mestrado e doutoramento com várias destas universidades.

A investigação científica tornou-se uma componente central da universidade. Como pretendem reforçar o papel da instituição neste domínio?

A universidade tem três missões fundamentais: ensino, investigação e serviço à comunidade, incluindo a transferência de tecnologia.

Actualmente, publicamos cerca de cinco mil artigos científicos por ano em revistas académicas. A qualidade e o impacto destas publicações têm vindo a aumentar significativamente.

Neste momento, temos 16 áreas de investigação classificadas no top 1 por cento mundial, incluindo engenharia, ciência dos materiais, ciências computacionais e biologia.

Desde 2018, temos também promovido a criação de spin-offs. Actualmente, existem cerca de 70 empresas criadas a partir da universidade. Um exemplo é a DigiFluid, fundada por dois antigos estudantes, que actualmente emprega cerca de 100 pessoas.

Já arrancou a construção do segundo campus da universidade na Zona de Cooperação. Como irá funcionar este novo pólo?

A construção do novo campus começou em Dezembro

“Temos 16 áreas de investigação classificadas no top 1 por cento mundial”

de 2025, com duas empresas responsáveis pelas obras, na parte ocidental da Zona de Cooperação. No entanto, a universidade já iniciou operações nesse local em Agosto do ano passado.

Começámos por lançar vários programas de mestrado, nomeadamente na minha área da electrónica, bem como nas áreas de ciência de dados e “FinTech”, que já contam com cerca de 200 estudantes. Neste momento, utilizamos dois andares arrendados num edifício onde estes cursos estão a funcionar, e que continuarão a ser oferecidos no futuro campus.

Em Agosto deste ano, iremos iniciar novos programas, que não funcionarão nesse edifício temporário, mas numa zona localizada junto à fronteira. Estes programas serão posteriormente transferidos para o novo campus. Estimamos que, nessa fase, o número de estudantes [nos novos programas] atinja cerca de 800.

A operação plena do novo campus deverá começar por volta de 2028. Nesse espaço serão criadas quatro faculdades: a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Design e Arquitectura, a Faculdade de Engenharia e a Faculdade de Ciências da Informação e Computação.

O novo campus será sobretudo dedicado às áreas da ciência e tecnologia, enquanto o campus actual continuará mais focado nas ciências sociais e humanas.

A Universidade de Macau continuará a ser uma única instituição, mas com dois campus e dez faculdades. Ambos funcionarão sob o mesmo Senado Universitário e o mesmo Conselho da Universidade, e os programas oferecidos em Hengqin serão programas de ensino superior de Macau, e não do sistema de ensino superior do Interior da China.



A UM publica cerca de cinco mil artigos científicos por ano em revistas académicas

Este modelo é relativamente original. Algumas universidades de Hong Kong têm campus no Interior da China, mas, nesses casos, trata-se de instituições juridicamente independentes, embora associadas à universidade-mãe. Os programas seguem o sistema do Ministério da Educação da China. No nosso caso, trata-se de uma única universidade com dois campus integrados.

Em termos de gestão, a universidade tem actualmente um reitor e cinco vice-reitores. No futuro prevê-se a criação de um sexto vice-reitor, que ficará sediado na Zona de Cooperação, mas participará igualmente na gestão da universidade em Macau.

Os docentes e estudantes terão também residências no novo campus. Está prevista a construção de uma ponte na zona sul do campus, que permitirá a circulação entre os dois campus.

Quais são os planos de contratação de docentes com esta expansão?

O corpo docente continuará a crescer como tem acontecido até agora. O recrutamento é internacional para todas as posições. O nosso objectivo é seleccionar sempre os melhores candidatos e aqueles que melhor se adequem aos objectivos da universidade. ■

VER
VÍDEO
AQUI



Entre línguas e mundos, uma ponte para o português

Texto **Nelson Moura**

Ao longo de mais de quatro décadas, a Universidade de Macau (UM) tem vindo a afirmar-se como um dos principais pilares na formação de talentos em língua portuguesa na Ásia. Durante estes anos, a instituição construiu uma reputação sólida que ultrapassa largamente as fronteiras de Macau, alcançando o Interior da China, incluindo a dinâmica região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.

Para João Veloso, director do Departamento de Português da Faculdade de Letras da UM, o reconhecimento é hoje inequívoco. A universidade ocupa um lugar singular no panorama académico asiático, não apenas pela longevidade, mas pela consistência de um projecto educativo que soube evoluir com o tempo.

A UM “continua a ser, em toda a China e mesmo no contexto asiático, a instituição com a oferta mais diversificada de formação graduada e pós-graduada em português”, sublinha João Veloso.

É precisamente no domínio dos estudos avançados que a instituição se distingue de forma mais evidente. Os programas de mestrado e doutoramento em Estudos Portugueses têm formado sucessivas gerações de investigadores, docentes e especialistas. Muitos deles seguem depois para universidades do Interior da China, levando consigo não apenas o domínio da língua, mas também uma visão académica consolidada.

Além da vertente do ensino-aprendizagem, o português faz parte da vida institucional da universidade – em cerimónias, documentos oficiais e materiais promocionais – e estende-se a outras áreas

do saber, como o Direito, onde a tradição jurídica em língua portuguesa continua a ter relevância, afirma João Veloso.

Um elo entre mundos

Num contexto global em transformação, a procura por profissionais capazes de navegar entre culturas e idiomas tem vindo a crescer. A UM tem respondido a esse desafio, ampliando a sua oferta formativa e reforçando o seu papel como plataforma de ligação aos países de língua portuguesa.

“Podemos dizer com toda a certeza que a universidade coloca à disposição da comunidade todos os recursos que tem e que procura receber o maior número possível de alunos para depois devolver à sociedade um número considerável de diplomados”, explica João Veloso.

Mais do que formar em quantidade, a prioridade passa agora pela qualidade. “Não basta só ter muitos talentos bilingues [...] o passo seguinte consiste em triar, de entre os milhares de diplomados nesta área, os bons talentos bilingues, apostar mais um pouco na qualidade e não só na quantidade”, sublinha.

O objectivo é claro: formar profissionais capazes de responder às exigências de um mercado globalizado, onde a competência linguística deve caminhar lado a lado com o rigor académico.

Nesse sentido, a aposta na internacionalização tem sido determinante. Parcerias com universidades de países como Portugal e Brasil permitem a estudantes e investigadores um contacto directo



A UM desempenha um papel pioneiro no domínio dos estudos avançados em língua portuguesa

com centros de excelência, promovendo o intercâmbio de conhecimento e a criação de redes académicas duradouras.

“É importante que o trabalho que se faz e o ambiente que se vive nessas instituições seja mais conhecido e que integre mais profissionais de Macau e do Interior da China”, realça João Veloso, acrescentando que congressos internacionais organizados pela universidade têm desempenhado um papel importante na criação de redes de cooperação entre especialistas chineses e estrangeiros.

Um “viveiro” de especialistas

O impacto da UM faz-se sentir de forma particularmente clara no sistema universitário chinês, destaca João

Veloso. Em muitas instituições, os responsáveis pelos cursos de português partilham uma origem comum: passaram pelas salas da instituição de Macau. “Em praticamente todas elas, registo que os professores mais graduados, os directores de departamento, os directores de curso desses programas são, em geral, antigos alunos de mestrado e/ou doutoramento da UM”, conta.

A constatação tornou-se recorrente nas visitas académicas de João Veloso pelo País. Daí a expressão, dita com um misto de humor e precisão: a universidade funciona como uma verdadeira “fábrica” de professores de português na China. Uma imagem que traduz bem o seu papel estruturante na consolidação do ensino da língua no País.

Mas os caminhos dos diplomados não se esgotam na academia. Muitos encontram lugar na comunicação social, na tradução, no comércio internacional e em múltiplos sectores ligados ao universo dos países de expressão portuguesa.

Apesar dos avanços, persistem desafios. Um deles prende-se com as expectativas de alguns estudantes, que chegam a Macau à procura de uma imersão linguística total. A realidade, porém, é mais complexa: o uso quotidiano do português na cidade é mais limitado do que muitos antecipam.

Por isso, a aprendizagem exige iniciativa, salienta João Veloso. Participar em eventos culturais, integrar actividades académicas ou procurar contextos onde a língua ainda se faz ouvir são passos essenciais para

aprofundar competências. “Os alunos devem ser estimulados para irem à procura de lugares e situações em que ainda se use bastante o português”, diz.

Outro obstáculo surge com a crescente dependência de ferramentas automáticas de tradução. Embora úteis, nem sempre garantem qualidade. Para o académico, o futuro passa por desenvolver um olhar crítico e uma responsabilidade individual sobre o uso da língua, uma competência indispensável para quem pretende trabalhar profissionalmente com o português.

A internacionalização e a aposta contínua na excelência surgem como caminhos inevitáveis, refere João Veloso. “Na própria etimologia da palavra ‘universidade’ está esta abertura ao mundo”, observa,



A UM é um dos principais centros na Ásia de formação académica na área do português

referindo que, sem essa ligação global, o risco é perder relevância num cenário académico cada vez mais competitivo.

Histórias que dão rosto à experiência

Para além dos números e das estratégias institucionais, são as experiências individuais que melhor ilustram o impacto da UM como espaço de formação multicultural e como plataforma para o contacto com as nações de expressão portuguesa. Para muitos, a instituição oferece não apenas o ensino da língua, mas também um ambiente académico e social que favorece a integração e o desenvolvimento profissional.

Vinda da Bahia, a brasileira Gabriela Rorato encontrou na UM mais do que um destino académico: descobriu um espaço de pertença. Chegou, em 2023, para um semestre de intercâmbio, mas a experiência foi suficientemente marcante para a levar a regressar a Macau para prosseguir estudos pós-graduados em Comunicação.



“A UM continua a ser, em toda a China e mesmo no contexto asiático, a instituição com a oferta mais diversificada de formação graduada e pós-graduada em português”

JOÃO VELOSO

Director do Departamento de Português da Faculdade de Letras da UM

Em destaque, para a estudante, está o ambiente vivido fora das aulas e, claro, a singularidade de Macau: uma cidade onde a herança portuguesa e a cultura chinesa coexistem de forma única.

“Voltei ao Brasil e candidatei-me ao mestrado. Hoje estou no último semestre e não me arrependo da minha escolha e sou muito feliz a estudar aqui”, conta Gabriela Rorato. “Eu gosto das oportunidades que a universidade oferece. Não só aprendemos na sala de aula, mas também nos grupos, clubes e no dormitório, participando em eventos e integrando-nos na comunidade.”

A presença de estudantes provenientes de países de língua portuguesa reforça o ambiente multicultural da universidade. Magne Dina Neves, natural de Moçambique, frequenta a licenciatura em Engenharia Electrotécnica e de Computadores e vê Macau como um ponto de encontro entre geografias.

“Eu escolhi Macau por conta do histórico sino-português e principalmente pela sua localização estratégica e por ser um elo entre a China e os países falantes da língua portuguesa”, explica.

Na sua opinião, a UM destaca-se também pela qualidade da investigação e das infra-estruturas académicas. “A universidade está muito bem posicionada no que diz respeito às pesquisas e aos avanços académicos de última geração e, como estudante de engenharia, este ambiente é muito encorajador para a minha vida académica e profissional.” A estudante sublinha ainda o impacto das condições de ensino na sua formação: “Os laboratórios são altamente equipados, o que permite aliar a teoria à prática de forma muito eficaz.”

Uma visão partilhada por Steven Chen, oriundo de Zhongshan, na província de Guangdong. Para o também estudante de Engenharia Electrotécnica e de Computadores, foi precisamente essa posição estratégica de Macau, como ponte entre a China e os países de língua portuguesa, que tornou a escolha evidente. Entre aulas, actividades extracurriculares e a vitalidade urbana, descreve uma experiência que está longe de ser monótona.

“A universidade proporciona diversas actividades extracurriculares, como desporto e actividades lúdicas. A cidade é muito vibrante e tem sempre actividades novas e entusiasmantes que tornam a experiência em Macau tudo menos aborrecida”, conclui Steven Chen. ■

Ciência e tecnologia alavancam expansão

Texto **Tony Lai**

À medida que Macau reforça os esforços na formação de talentos e aprofunda a sua integração na agenda nacional de desenvolvimento, a Universidade de Macau (UM) prepara o seu maior passo desde a mudança para o actual campus, há mais de uma década: a construção de um segundo campus na Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin.

O novo espaço irá acolher um pólo académico com forte ênfase em áreas tecnológicas e científicas, abrangendo ofertas que vão da medicina às ciências da informação. Mais do que uma expansão, o projecto representa uma nova fase no desenvolvimento da instituição e no papel de Macau como plataforma regional no âmbito do ensino superior.

O novo campus reflecte não só as ambições da UM, mas também a estratégia mais ampla do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). O novo espaço da UM faz parte do projecto da Cidade (Universitária) de Educação Internacional de Macau e Hengqin, que procura conciliar os recursos académicos de Macau com a capacidade territorial de Hengqin.

De acordo com o plano, as três universidades públicas de Macau – a UM, a Universidade Politécnica de Macau e a Universidade de Turismo de Macau – irão estabelecer pólos na Zona de Cooperação, com o objectivo de reforçar a qualidade do ensino superior e a formação de talentos. A Cidade Universitária funcionará sob o modelo de “uma universidade, duas

zonas”, estabelecendo um sistema internacional de alta qualidade, incentivando as universidades de Macau a criarem programas de formação conjunta e colégios conjuntos, com enfoque no desenvolvimento de cursos de ciência, engenharia e interdisciplinares.

A UM será a primeira a estabelecer e gerir um novo campus em Hengqin. Embora ambos os pólos da instituição estejam localizados em Hengqin, funcionam sob regimes jurídicos distintos: o campus actual está sob jurisdição da RAEM e aplica a legislação de Macau, enquanto o novo campus ficará sob jurisdição do Interior da China, funcionando como uma extensão de uma instituição de ensino superior de Macau.

© UNIVERSIDADE DE MACAU



O novo campus da UM terá uma área bruta de construção de 831.000 metros quadrados

O novo campus será localizado num terreno com aproximadamente 375.600 metros quadrados, com uma área bruta de construção prevista de 831.000 metros quadrados, comparável à dimensão do actual pólo em Hengqin. A construção teve início em Dezembro de 2025, com conclusão prevista para o quarto trimestre de 2028 e a entrada em funcionamento de forma integral no ano seguinte.

De acordo com a UM, o projecto pretende promover uma integração sistemática entre os dois pólos, criando um modelo educativo “equilibrado, interdisciplinar e orientado para a investigação”. A instituição pretende ainda reforçar a capacidade de investigação e inovação, aprofundar a colaboração entre indústria e academia na região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau e expandir iniciativas e intercâmbios educacionais internacionais.

O segundo campus foi concebido para acolher até 10.000 estudantes, elevando potencialmente a capacidade total da UM para mais de 25.000 alunos. As instalações planeadas incluem um edifício central de ensino, um complexo desportivo, um centro de intercâmbio internacional e novas residências para estudantes e funcionários, bem como diversas infra-estruturas de apoio.

NOVAS FACULDADES

O novo campus permitirá à UM reforçar a sua oferta académica, com a instituição a anunciar a criação de cinco novas faculdades: Medicina, Ciências da Informação e Computação, Engenharia, Design e Ciências. As novas faculdades deverão iniciar actividade a 1 de Agosto de 2026, segundo a UM. Com excepção da Faculdade de Ciências, as outras quatro faculdades estarão sediadas no novo campus, mas providenciado também programas curriculares no actual pólo universitário.

A Faculdade de Medicina, que será criada através da integração e expansão da actual Faculdade de Ciências da Saúde, deverá contar com até 4000 estudantes e pretende tornar-se numa instituição de formação médica de classe mundial, com uma forte componente de investigação.

Oferecerá programas profissionais, incluindo um programa conjunto de medicina clínica com a Universidade de Lisboa, com departamentos que

abranchem, entre outros, as ciências biomédicas, as ciências farmacêuticas, a saúde pública e a administração médica, a nutrição e a medicina dentária.

A Faculdade de Ciências da Informação e Computação, criada a partir da actual Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), terá também capacidade para acolher cerca de 4000 estudantes, focando-se em áreas como inteligência artificial, robótica, microelectrónica, tecnologia financeira e ciências da computação.

A nova Faculdade de Engenharia, criada também através da reestruturação da FCT e com capacidade prevista para cerca de 4000 alunos, pretende responder à crescente procura por profissionais qualificados e inovação tecnológica na área da engenharia em Macau e na Grande Baía.

A Faculdade de Design, que poderá acolher até 1500 estudantes, contará com departamentos de design de comunicação visual, arquitectura e urbanismo e design industrial, visando reforçar o perfil de Macau no domínio da educação em design e indústrias criativas.

CAMPUS TEMPORÁRIO

A expansão da oferta académica da UM, porém, não esperará por 2029. No âmbito do projecto da Cidade Universitária, a UM e as outras duas universidades públicas da RAEM irão começar a oferecer programas de pós-graduação já no ano lectivo de 2026/2027.

A primeira fase da Cidade Universitária, com início previsto para Setembro do corrente ano, poderá acolher até 1200 alunos, com predominância para o nível de pós-graduação. Já foi iniciado o projecto de transformação do complexo “Dezhi Plaza” em Hengqin – com cerca de 65.000 metros quadrados – de forma a promover a concretização da primeira fase do modelo de extensão pedagógica das três universidades públicas de Macau.

As aulas e programas de investigação das quatro novas faculdades da UM deverão também ter início neste espaço provisório. A instituição planeia lançar inicialmente 23 programas de pós-graduação, abrangendo áreas como inteligência artificial, microelectrónica, saúde pública, finanças quantitativas, engenharia electromecânica e design industrial.

A UM prevê ainda estabelecer novas instalações de investigação no espaço provisório, incluindo sucursais em Hengqin dos laboratórios de referência do Estado. ■

A ALMA DE MACAU SERVIDA NUMA TIGELA DE CANJA

Texto **Vitória Man Sok Wa**

Fotografia **Cheong Kam Ka**

O conforto de uma canja pela manhã é um costume local intemporal. No Estabelecimento de Comidas de Canja Seng Kei Pak Chok, marca centenária, continua-se a poder saborear o pequeno-almoço ao estilo cantonês de forma tradicional: simples, artesanal e... barato



A casa de canjas Seng Kei Pak Chok possui cinco lojas em Macau

Macau é uma cidade que se reinventa a cada esquina, mas há recantos onde o tempo parece suspenso, guardando memórias, tradições e sabores do passado. Entre esses refúgios de autenticidade, está o Estabelecimento de Comidas de Canja (Loja de Sopa de Fitas) Seng Kei Pak Chok, negócio onde corpos e almas se alimentam na simplicidade reconfortante de uma tigela de canja (ou “congee”).

O negócio ostenta hoje o título de “Marca Típica de Macau”, uma iniciativa promovida pelo Governo em conjunto com associações comerciais locais. Além disso, integra também o programa “Lojas com Características Próprias”, promovido pela Direcção dos Serviços de Economia e Desenvolvimento Tecnológico (DSED).T).

No mês passado, o estabelecimento ganhou mais uma distinção. Integrou o lote inaugural de dez empresas às quais foi atribuído o título de “Marca Centenária”. Trata-se de uma nova iniciativa organizada pela DSED em conjunto com a Macau Chain Stores and Franchise Association, visando valorizar o património empresarial local.

Para a casa de canjas, tudo começou na década de 1920, quando Leong Seng, carpinteiro de profissão, decidiu trocar as madeiras pelos tachos. A influência de um amigo ligado à restauração, com quem aprendeu as lides da cozinha, despertou-lhe o interesse pelo sector. Lançou-se então como vendilhão, na zona do Patane, na península de Macau, carregando ao ombro os seus petiscos e vendendo-os de forma ambulante.

Na ressaca de um levantamento popular em Maio de 1922, o negócio foi transferido para uma banca de rua no bairro de San Kio. Quando chegou o momento de oficializar a licença, uma questão de transliteração para português levou ao registo definitivo do nome “Seng Kei Pak Chok”, que permanece até hoje.

Em 1937, já com 45 anos, Leong Seng lançou finalmente o seu primeiro estabelecimento de comidas de pedra e cal, mantendo-se pelo bairro de San Kio. No rescaldo da Segunda Guerra Mundial, o filho Leong Iong Kan herdou o negócio e, com a esposa, manteve viva a chama. Nos anos 1980, coube a Leong Heng U receber o restaurante das mãos do pai.

Na década seguinte, a casa de canjas Seng Kei Pak Chok inaugurou a sua primeira filial, localizada na Avenida do Almirante Lacerda. O desenvolvimento social e urbano verificado após o retorno de Macau à Pátria, em 1999, abriu caminho para mais crescimento. A marca conta hoje com cinco lojas: o estabelecimento na Avenida do Ouvidor Arriaga, as unidades na Rua dos Cules, na Areia Preta e no bairro Tamagnini Barbosa, todas na península, e uma outra na Taipa.

Devido a essa expansão, surgiu a necessidade de modernizar a produção. Foi criada uma fábrica na zona do Fai Chi Kei, funcionando como cozinha central. Esse modelo, explica o proprietário, permite garantir a uniformidade dos produtos e responder a uma maior procura, sem perder o carácter artesanal que sempre distinguiu a marca. Hoje, o grupo emprega mais de 60 pessoas.

O SEGREDO ESTÁ NA CANJA

O nome indica a estrela da casa: no Estabelecimento de Comidas de Canja Seng Kei Pak Chok, brilha mais alto, claro está, a canja. Preparada em fogões tradicionais a lenha, é cozinhada lentamente durante horas. O arroz, mergulhado na água a ferver, desfaz-se pouco a pouco até se transformar numa textura cremosa e suave.

“Mesmo depois de apagar o fogo, o calor continua a actuar, dando à canja uma suavidade única”, explica Leong Heng U. “Fazemos sempre a canja fresca, para que as pessoas possam saborear o caldo acabado de preparar.”

O actual proprietário gosta de notar a importância dos detalhes. “Há quem diga que basta uma pequena pitada de sal para transformar completamente a experiência. Primeiro prova-se a canja, sente-se o seu perfume, e só depois se acrescenta o tempero. É quase como uma cerimónia.”

Uma das imagens de marca do negócio é a autenticidade: pratos simples, sem artifícios, de qualidade artesanal, comercializados a preços acessíveis. As receitas actuais seguem os mesmos princípios de há um século, com pequenas modernizações para responder às necessidades de produção em grande escala, mas sem perder a essência tradicional.

“Nunca quis vender nada demasiado complexo, porque a Seng Kei sempre foi associada à simplicidade e a preços acessíveis”, explica Leong Heng U. “Essa imagem é algo que espero preservar. Se acrescentarmos demasiados itens modernos, os clientes podem sentir que o carácter da casa mudou por completo.”

O proprietário elabora: “Queremos manter a impressão que as pessoas sempre tiveram da Seng Kei. Os clientes procuram a Seng Kei de antigamente, não uma versão reinventada. Por isso, mesmo as adições que fiz foram sempre doces tradicionais ou canjas, nunca pratos excessivamente modernos ou diferentes.”

Assim, hoje, além dos produtos tradicionais – como a canja, a bebinca de nabo, os bolos de arroz com carne ou os rolos de arroz –, o negócio passou a oferecer outras especialidades. Entre elas, destacam-se o pudim de tofu com manga e a sopa de sagu.

Leong Heng U sublinha também a questão da acessibilidade. “Na mente das pessoas, a canja da Seng Kei é algo barato. Se aumentarmos o preço,

mesmo que ligeiramente, os clientes sentem logo que ficou caro. Por isso, a nossa única opção é reduzir constantemente as margens de lucro, ter apenas o suficiente para pagar a renda, os salários e ganhar um pouco. É desta forma que sempre trabalhamos.”

ENTRE LOCAIS E TURISTAS

No passado, quando havia menos oferta em Macau, o pequeno-almoço ao estilo cantonês do estabelecimento Seng Kei Pak Chok possuía uma clientela fiel, composta por estudantes, empregados de escritório e pais que levavam os filhos à escola. Mais do que um restaurante, era parte de uma rotina diária.

Porém, a história é hoje diferente. A multiplicidade de escolhas e a popularidade das cadeias de “fast food” levam muitos dos mais novos a procurar opções fora da gastronomia tradicional. O negócio adaptou-se à nova realidade e continua a atrair muitos clientes regulares locais, mas agora também turistas vindos de Hong Kong, de Taiwan e do Interior da China.



Pratos simples e autênticos são a imagem de marca da Seng Kei Pak Chok



“Nunca quis vender nada demasiado complexo, porque a Seng Kei sempre foi associada à simplicidade e a preços acessíveis. Essa imagem é algo que espero preservar”

LEONG HENG U
Proprietário

Muitos visitantes descobrem a casa de canjas através de reportagens ou das redes sociais. Nos espaços da Rua dos Cules e na Taipa, a presença de turistas é maior, enquanto nas restantes lojas predominam os clientes de Macau. O proprietário afirma que os visitantes do sul do Interior da China apreciam os sabores artesanais do negócio, enquanto quem vem das zonas mais a norte prefere os pratos de tempero mais intenso.

Para Leong Heng U, faz sentido a um turista visitar o Estabelecimento de Comidas de Canja Seng Kei Pak Chok. Afinal, conhecer uma cidade começa pelo essencial e isso pode ser um pequeno-almoço tradicional simples, com uma tigela de canja e um pedaço de bolo de nabo.

Muitas das memórias de infância de Leong Heng U estão associadas ao negócio. “Antigamente, os empregados viviam no andar de cima e, nas festas tradicionais – como o Ano Novo Chinês ou o Solstício de Inverno –, todos se reuniam para jantar juntos. Os clientes habituais tornavam-se parte da família, numa relação de proximidade que hoje já raramente se encontra”, recorda com nostalgia.

Ainda assim, a ligação afectiva entre a comunidade e o negócio continua a inspirar novas gerações. Recentemente, uma escola local convidou-o para uma cerimónia especial, depois de os seus alunos terem escrito redacções sobre o restaurante. Num dos textos, um estudante descrevia como, para os habitantes de Macau, no meio do ritmo intenso de trabalho e exames, a Seng Kei Pak Chok representava um refúgio, onde um prato simples e saboroso proporcionava um momento de descanso e encorajamento para recomeçar a rotina. “Essas palavras dão-me força para continuar, mesmo nos momentos difíceis”, confessa Leong Heng U.

Quanto ao futuro, o responsável, hoje com 62 anos, admite alguma incerteza. “Não sei se os meus filhos vão assumir a Seng Kei. Estão a trabalhar noutros sectores e, por agora, não demonstram grande paixão pelo negócio. Talvez daqui a dez anos possamos decidir o que fazer.” Ainda assim, garante que, enquanto tiver forças, continuará a preservar o legado de qualidade e tradição que herdou do avô e do pai. ■



A China alberga cerca de um quarto das florestas de bambu a nível mundial

BAMBU COMO ALTERNATIVA AO PLÁSTICO

Texto **Viviana Chan** e **Emanuel Graça**

As autoridades e empresas no Interior da China estão apostadas em reduzir a sua dependência do plástico, recorrendo a um velho conhecido: o bambu. Os resultados da estratégia já são visíveis, mas especialistas ouvidos pela Revista Macau notam que a transição exige uma abordagem gradual, balanceando inovação com gestão de custos e viabilidade prática

Perante o agravamento das alterações climáticas e a consequente – e urgente – necessidade de promover uma descarbonização das economias a nível mundial, a redução da dependência do plástico tem vindo a assumir-se como uma das prioridades de vários governos. A China está na linha da frente deste movimento, com a promoção de uma estratégia de utilização do bambu como alternativa ao plástico.

Se, tradicionalmente, o bambu é conhecido como “a planta dos mil usos”, o objectivo das autoridades do Interior da China passa por ir muito mais além, com base na investigação científica e na inovação tecnológica. Em cima da mesa estão soluções como novos materiais à base

de compósitos de fibra de bambu ou filmes de celulose, entre outras. Estes substitutos podem ser utilizados, por exemplo, para a produção de talheres descartáveis, palhinhas ou recipientes de “takeaway”, mas também de teclados de computador ou colunas de som.

Entre as muitas empresas chinesas a recorrer à fibra de bambu como alternativa ao plástico está o Lenovo Group Limited. Foi já há quase duas décadas que o conglomerado tecnológico começou a estudar outras formas para embalar os seus produtos, garantindo segurança e protecção no transporte sem recorrer a materiais plásticos de uso único, como espuma plástica ou plástico-bolha, associados a um elevado impacto ambiental. Em 2023, o

grupo Lenovo atingiu um marco significativo: todos os produtos da sua popular linha de computadores portáteis “ThinkPad” passaram a ser completamente embalados com recurso a materiais derivados de bambu.

As autoridades do Interior da China têm desempenhado um papel essencial na promoção nacional do bambu como alternativa ao plástico, estratégia adoptada a nível oficial em 2022. Em 2023, foi lançado um programa de três anos de forma a apoiar a concretização prática dessa visão. De acordo com um comunicado da Administração Nacional de Florestas e Pastagens, datado do final de Janeiro, estão já registados no Interior da China mais de 15.000 tipos de produtos feitos com materiais à base de bambu,

sendo que o valor anual de produção do sector ultrapassa os 520 mil milhões de renminbi.

DO PETRÓLEO PARA O BAMBU

Calvin Sio Kai Tong, co-fundador e director executivo da empresa Zence Object Technology Co. Ltd., ligada ao sector em Macau, explica que os chamados “materiais de base biológica” não são um fenómeno recente; no entanto, o seu desenvolvimento foi acelerado de forma a contribuir para assegurar o cumprimento das metas de neutralidade car-

bónica anunciadas por diversas nações. “Vários países estabeleceram, de forma generalizada, objectivos para aumentar a proporção de substituição do plástico até 2030 ou 2035, impulsionando simultaneamente o avanço tecnológico e a procura no mercado” por este tipo de solução, nota.

O empresário explica que os plásticos tradicionais derivam sobretudo de subprodutos do petróleo, um recurso não renovável. Além disso, exercem pressão ambiental prolongada após o

respectivo descarte. Neste contexto, materiais de base vegetal têm vindo a afirmar-se como substitutos privilegiados. “Seja o bambu ou outras plantas, trata-se essencialmente de substituir materiais de base petrolífera por elementos de origem biológica, num processo de transformação estrutural.”

Ainda assim, o futuro, antevê Calvin Sio, não dependerá do desenvolvimento de um único substituto universal para o plástico. É antes mais plausível o surgimento de um portfólio de materiais, oferecendo diferentes soluções consoante os tipos de utilização. A reutilização de resíduos biológicos gerados nos processos agrícolas ou de consumo – por exemplo, resíduos de chá, uma das áreas de especialização da sua empresa – constitui uma outra direcção a seguir, refere.

Apesar do optimismo, o responsável sublinha que a sociedade está ainda numa fase de transição entre o plástico e o bambu e outros materiais de base biológica. Para acelerar o ritmo de adopção, defende, é necessário reduzir os custos de processamento, reconfigurar as cadeias de abastecimento, elevar os níveis de desempenho dos novos materiais e promover a sua aceitação junto do mercado. “Os novos materiais encontram-se numa fase inicial, exigindo políticas de apoio e uma adaptação progressiva para que a sua aplicação possa ser ampliada”, diz.

Quanto aos custos de produção, o empresário considera existir uma tendência de convergên-



O bambu é já utilizado como substituto do plástico em diversos cenários, como na produção de talheres descartáveis

© SERGI PETRUKALANY

cia. “Os custos dos materiais não renováveis deverão aumentar gradualmente, enquanto os materiais de base biológica poderão tornar-se mais competitivos com o aumento da escala de produção, sendo determinante o momento em que se verificar o ponto de intersecção entre ambos.”

De forma geral, Calvin Sio considera que o plástico convencional continuará a existir, embora com uma redução progressiva do seu peso ao nível da indústria e do quotidiano da sociedade. “O mercado será composto por uma diversidade de materiais, sendo essencial encontrar um equi-



“Os custos dos materiais não renováveis deverão aumentar gradualmente, enquanto os materiais de base biológica poderão tornar-se mais competitivos”

CALVIN SIO KAI TONG

Director executivo da Zence Object Technology Co. Ltd.

brio entre diferentes cenários de aplicação.”

RECURSO QUE BROTA DO CHÃO

O bambu é um recurso que cresce naturalmente em várias regiões do Interior da China, onde as comunidades locais já o utilizam, há muito, na construção, no artesanato e noutros aspectos do quotidiano. Entre as várias vantagens que oferece está o facto de ser uma planta com um ciclo de crescimento relativamente curto: pode ser colhido em apenas três a cinco anos, e não requer ser plantado de novo para voltar a crescer. Além disso, as florestas de bambu têm a vantagem acrescida de absorver elevadas quantidades de dióxido de carbono.

A China alberga cerca de um quarto das manchas florestais de bambu do mundo, muitas delas associadas a zonas do País menos desenvolvidas. A estratégia de substituição do plástico por este recurso tem também permitido uma valorização dessas áreas verdes e o acesso a rendimentos mais elevados por parte das populações locais.

O Interior da China possui actualmente perto de oito milhões de hectares de florestas de bambu, o que se traduz numa capacidade de produção anual de 150 milhões de toneladas. O sector de processamento conta com mais de 10.000 empresas, sendo que a indústria do bambu emprega, no total, mais de 29 milhões de pessoas.

De acordo com a Administração Nacional de Florestas e Pastagens, o Interior da China



“O facto de um material ser biodegradável não significa necessariamente que seja ambientalmente sustentável em contexto prático”

STEPHEN QUACH WAI-MENG

Académico da Universidade de Macau

possui já um sistema industrial abrangente de promoção do bambu como substituto do plástico. Entre 2024 e 2025, foi implementada uma série de políticas preferenciais por parte das autoridades centrais, incluindo a afectação de mais de 900 milhões de renminbi para apoiar projectos de relevo. Segundo a Administração Nacional de Florestas e Pastagens, foi ainda estabelecido um sistema normativo especializado, que abrange nove categorias e 140 itens.

O desenvolvimento da estratégia de substituição do plástico por bambu está intimamente ligado à investigação científica e à inovação tecnológica. Só no ano passado, as autoridades chinesas promoveram oficialmente

a divulgação pública de 37 novos avanços neste campo.

ESCALA E VIABILIDADE

Stephen Quach Wai-Meng, professor associado do Departamento de Engenharia Civil e Ambiental da Universidade de Macau, indica que vários materiais derivados do bambu já apresentam, em laboratório, capacidade para substituir os plásticos tradicionais em diversos contextos, destacando-se pelas propriedades mecânicas e pelo potencial ambiental. “O desafio deixou de ser técnico no sentido estrito; a questão passa por saber se é possível produzi-los a baixo custo, em larga escala e com padrões consistentes”, afirma, notando a relativa ausência de normas unificadas e sistemas de certificação internacionais a este respeito.

Do ponto de vista operacional, o especialista sublinha a necessidade de avanços ao longo de toda a cadeia produtiva. A montante, é necessário garantir o fornecimento e controlo de custos das matérias-primas; a meio da cadeia, melhorar características dos materiais à base de bambu, como, por exemplo, a resistência à água; e, a jusante, desenvolver processos de produção mais eficientes e com menor intensidade carbónica.

Stephen Quach alerta também para a distinção entre biodegradabilidade e impacto ambiental real. “O facto de um material ser biodegradável não significa necessariamente que seja ambientalmente sustentável em contexto prático.” Sem sistemas

adequados de recolha e tratamento, estes novos materiais podem permanecer no meio ambiente durante longos períodos ou interferir com sistemas de reciclagem existentes, avisa.

A adopção em larga escala de produtos à base de bambu levanta ainda questões relativas à gestão sustentável de recursos e ao equilíbrio ecológico. Uma das preocupações é o potencial de pressões ambientais excessivas associadas à extracção de bambu.

O académico refere que as limitações tecnológicas estão a ser gradualmente mitigadas através da colaboração entre universidades, indústria e centros de investigação. No entanto, defende que a substituição total do plástico pelo bambu e outras matérias de origem biológica exigirá tempo e um conjunto de apoios estruturais.

MUDANÇAS NAS PRÁTICAS EMPRESARIAIS

Ruby O Hok Meng, membro do Conselho Consultivo do Ambiente e presidente da Sociedade de Saúde Alimentar e Ambiental de Macau, afirma que a crescente importância dada a nível nacional à substituição do plástico por bambu não reflecte apenas progresso tecnológico, mas também uma direcção de transformação que engloba políticas públicas, cultura e necessidades sociais.

Segundo a responsável, o bambu já faz parte da vida quotidiana tradicional das comunidades chinesas. No actual contexto de descarbonização e desenvolvimento sustentável, essa ligação pode



“Na selecção de materiais, as empresas enfrentam exigências acrescidas de transparência e responsabilidade social”

RUBY O HOK MENG

Presidente da Sociedade de Saúde Alimentar e Ambiental de Macau

tornar mais fácil a adopção de novos materiais à base da planta, estimulada por “uma orientação política clara e o aproveitamento das vantagens existentes”, sendo “mais propensa a gerar economias de escala”, afirma.

Já do ponto de vista empresarial, Ruby O indica que as exigências regulatórias ao nível do cumprimento de indicadores ambientais, sociais e de governação corporativa são uma tendência irreversível, particularmente para grandes empresas listadas em bolsa, e isso ajuda à transição do plástico para o bambu.

“Na selecção de materiais, as empresas enfrentam exigências acrescidas de transparência e responsabilidade social, incluindo a redução do uso de embalagens



A indústria de bambu chinesa emprega mais de 29 milhões de trabalhadores

gens desnecessárias, a otimização das fontes de abastecimento e a elevação dos padrões ambientais ao longo de toda a cadeia de valor”, refere. A dirigente acrescenta que estes requisitos estão também ligados aos mercados de capitais, influenciando notações financeiras e condições de financiamento, o que incentiva as empresas listadas a adoptar materiais alternativos e soluções de baixo carbono.

Ainda assim, a responsável alerta que a sustentabilidade não pode ser alcançada apenas através da substituição de materiais, exigindo uma abordagem sistémica. “Persistem equívocos entre os consumidores relativamente a conceitos como ‘biodegradável’ ou ‘material ecológico’,

assumindo-se que o simples uso deste tipo de produtos resolve o problema ambiental, quando, na ausência de sistemas adequados de tratamento, os seus benefícios podem ser limitados.”

Ruby O destaca aquilo a que chama de um risco de dependência excessiva de consumo de produtos com “bons” rótulos ambientais, em detrimento de práticas que favoreçam a redução do consumo e a reutilização. “Sem uma compreensão adequada, podem surgir novos problemas ambientais, incluindo efeitos negativos não intencionais.”

A eficácia das medidas ambientais ligadas a novos materiais também varia entre regiões, dependendo da capacidade de reciclagem e tratamento. “Alguns

produtos dispõem de condições adequadas de processamento no local de origem, mas essas condições podem não existir noutras cidades”, exemplifica. “Se o destino final for a incineração, o benefício ambiental poderá não diferir significativamente daquele de materiais convencionais.”

No processo de transição do plástico rumo aos derivados de bambu, Ruby O considera que a educação e a transparência são determinantes. “A sustentabilidade deve assentar em comportamentos intrínsecos e não apenas em mecanismos de regulação ou incentivos. Só com uma compreensão do ciclo de vida completo dos produtos e dos seus impactos é possível sustentar mudanças reais de comportamento.” ■

INTERIOR DA CHINA, MACAU E PORTUGAL: A POÉTICA DO ENTENDIMENTO

Texto **Marco Carvalho**
Fotografia **Leong Sio Po**

Ao longo de mais de cinco séculos, a China e Portugal construíram uma relação pautada por encontros e desencontros, por compromissos e divergências, mas sempre norteada pela curiosidade e pelo fascínio mútuos. É precisamente essa história, rica e complexa, que o poeta Yao Feng – pseudónimo do académico **Yao Jingming** – percorre com erudição e sensibilidade em “O Encontro dos Extremos: Intercâmbio Literário entre a China e Portugal”. Lançada em Lisboa em Novembro, a versão em português do livro foi apresentada em Macau no início de Março, na sessão que abriu a última edição do Festival Literário de Macau – Rota das Letras. Poeta, tradutor e académico, Yao Jingming esteve à conversa com a Revista Macau

O que o motivou a escrever “O Encontro dos Extremos” e porque optou por este título? Os “extremos” a que o título se reporta são meramente geográficos e culturais?

Este livro foi escrito originalmente em chinês e fazia parte da série “História do Intercâmbio Literário entre a China e os Países Estrangeiros”, coordenada pelo Professor Zhou Ning. Foi publicado em 2015 sob o título de “História do Intercâmbio Literário entre a China e Portugal”. A tradução para português, assumida pela Dra. Ana Cristina Alves, começou em 2017 e só ficou concluída em 2025, com a obra

a ser publicada pela Gradiva. À versão portuguesa foi atribuído o título de “O Encontro dos Extremos: Intercâmbio Literário entre a China e Portugal”, resultado de uma troca de ideias entre o autor, a editora e a tradutora.

A palavra “extremos” refere-se claramente a dois mundos literários bem distintos, tanto a nível geográfico quanto a nível cultural. Além de abordar obras traduzidas, actividades e eventos literários dos dois países, o livro opera uma reflexão sobre o relacionamento entre portugueses e chineses, especialmente a partir de Macau, o



Yao Jingming destacou-se como poeta e tradutor, mas também como artista e curador

que se pode prefigurar como uma referência interessante da obra.

Que momentos considera mais marcantes - e que figuras considera incontornáveis - nos 500 anos de diálogo literário entre a China e Portugal?

Ao longo dos 500 anos de diálogo literário entre a China e Portugal, o momento mais significativo talvez remonte ao século XVI, quando os portugueses entraram em contacto com os chineses e começaram a escrever sobre a China, moldando a imagem da China naquele período no Ocidente. Conforme a lenda, Camões terá estado em Macau, onde escreveu algumas estrofes de “Os Lusíadas”. Trinta anos depois, em 1590, o grande dramaturgo Tang Xianzu passou por Macau e deixou alguns poemas sobre a paisagem e o exotismo da cidade. Infelizmente, estes dois grandes autores não se encontraram. O que eles escreveram, porém, é uma referência para a literatura de Macau. Nos séculos XVI e XVII, houve outros portugueses que se aventuraram pela China, e entre eles distinguem-se os nomes de Galote Pereira, Gaspar da Cruz, Fernão Mendes Pinto, Álvaro Semedo e Gabriel de Magalhães, os quais descrevem diversos aspectos da realidade da China através das suas narrativas.

Esse diálogo, porém, só ganha feições vincadamente literárias bastante mais tarde.

No final do século XIX, o poeta português António Feijó publicou “Cancioneiro Chinês”, uma antologia de poemas chineses traduzidos de francês para português. Apesar de ser uma tradução bastante

“O livro opera uma reflexão sobre o relacionamento entre portugueses e chineses, especialmente a partir de Macau”



“A China e Portugal devem nutrir um maior interesse e uma vontade mais forte em conhecer o outro”

domesticada e adaptada ao estilo da poesia portuguesa, constitui um trabalho fundamental na introdução da lírica chinesa em Portugal, ao permitir que os leitores ficassem a conhecer a sensibilidade dos poetas chineses. Depois de António Feijó, Camilo Pessanha fez a conexão com a cultura chinesa em Macau, onde estudou cultura e língua chinesas, traduzindo as “Oito Elegias Chinesas”. No prefácio que acompanha a tradução, Camilo Pessanha fez uma apresentação muito profunda sobre as características da língua e da poesia chinesas, demonstrando o seu conhecimento da literatura chinesa. Neste período, Eça de Queirós também voltou o seu olhar curioso para a China, tendo escrito “O Mandarin” e “Chineses e Japoneses”.

É necessário, ainda assim, esperar até ao século XX para ver surgir uma abordagem mais sistemática à cultura e à língua chinesas.

No século XX, vale a pena mencionar uma série de nomes. O padre Joaquim Guerra pode ser considerado como o primeiro sinólogo português. Traduziu para português as obras de Confúcio, de Mêncio e de Laozi, bem como outras que estruturam a cultura chinesa, dando um contributo importante para o entendimento entre os dois povos.

Também não podemos ignorar o trabalho incontornável realizado por outros tradutores, tanto chineses, como portugueses. São disso um exemplo Luís Gonzaga Gomes, Gil de Carvalho, António Graça de Abreu, Fang Weixin, Chen Fengwu, Wang Suoying e Ana Cristina Alves. Agora está a surgir uma nova geração de tradutores que têm vindo a consolidar ainda mais o diálogo entre as duas literaturas, tais como Tiago Nabais, Min Xuefei, Wang Yuan, Jin Xinyi.

Na década de 1990 do século XX, no período que antecedeu a transição de Macau para a China, o Instituto Cultural deu um enorme impulso ao diálogo entre os escritores chineses e portugueses, através da publicação de obras de escritores de ambas as línguas e do lançamento da Revista de Cultura, uma revista de natureza académica, comprometida com a troca de diferentes pontos de vista e os estudos sobre a história e a cultura de Macau.

Foi o Instituto Cultural que organizou, em parceria com o IPOR [Instituto Português do Oriente] e duas editoras chinesas, a Biblioteca Básica de Escritores Portugueses, uma coleção coordenada por mim e por Ana Paula Laborinho que reúne 27 obras representativas de escritores portugueses e macaenses. Estas obras foram publicadas em Macau e no Interior da China, em caracteres chineses tradicionais e simplificados, permitindo aos leitores chineses conhecerem de forma sistemática a literatura portuguesa.

Acha que o intercâmbio cultural e literário entre a China, Portugal e os países de língua portuguesa ganhou um novo fôlego após o regresso de Macau à administração chinesa?

O intercâmbio literário necessita de plataformas que permitam o seu aprofundamento e a sua continuidade. Com base nesta premissa, Ricardo Pinto criou em 2012 o Festival Literário de Macau, o maior evento literário da cidade. Este certame tornou Macau num local de diálogo entre os escritores locais e escritores provenientes de várias partes do mundo, especialmente do Interior da China e dos países de língua portuguesa, e possibilitou que o intercâmbio literário se tornasse regular e estruturado.

A outra figura incontornável é Carlos Morais José, jornalista, romancista, poeta e fundador da Editora Livros do Meio e da revista de sinologia Via do Meio, que também tem contribuído muito para o diálogo literário entre a China e Portugal, através da tradução e da publicação de uma grande quantidade de textos e obras que dizem respeito à história, à arte e à literatura chinesas.

Gostava ainda de mencionar alguns escritores chineses e portugueses que atravessaram fron-



Yao Jingming publicou em 2016, em língua chinesa, o livro “O Encontro dos Extremos. Intercâmbio Literário entre a China e Portugal”

teiras sociais e culturais, focalizando a sua narrativa na outra comunidade étnica. São disso exemplo Maria Ondina Braga, Deolinda da Conceição, Henrique de Senna Fernandes, Fernanda Dias e Joe Tang.

No que toca aos autores portugueses que escreveram sobre a China, entre Fernão Mendes Pinto, Álvaro Semedo e Camilo Pessanha, qual lhe parece ter deixado uma visão mais duradoura da China?

Dos três escritores que mencionou, escolheria Álvaro Semedo, cujas obras descrevem a China de uma forma mais ampla e mais próxima da realidade. Semedo não é como Fernão Mendes Pinto, cujas descrições contêm muitos elementos fictícios e imaginários, nem como Camilo Pessanha, que, embora adorasse a língua e a poesia chinesas, adoptou uma atitude controversa, por vezes eurocentrista, em relação à cultura chinesa. Álvaro Semedo viveu na China durante muitos anos e teve a oportunidade de observar quase todos os aspectos da China do seu tempo. Escreveu sobre o que viu com os seus próprios olhos.

António Feijó foi um dos primeiros a divulgar a poesia chinesa em Portugal, mas fê-lo de forma indirecta, ao traduzir Li Bai, por exemplo, a partir do francês. Como é que se explica que Portugal não tenha conseguido desenvolver estudos sistemáticos no campo da sinologia?

Não há dúvida de que António Feijó foi um precursor na divulgação da poesia chinesa em Portugal. Embora a sua tradução fosse realizada a partir da tradução francesa, levou, pela primeira vez, a poesia chinesa aos leitores portugueses.

Em relação à falta de estudos sinológicos em Portugal e em Macau, pode-se analisar esta questão do ponto de vista histórico, cultural e institucional. Ao longo da história, muitos missionários portugueses que trabalharam na China podem ser considerados sinólogos: é esse o caso de Álvaro Semedo, de Gabriel de Magalhães e de Joaquim Guerra. Além disso, havia sinólogos macaenses como Pedro Nolasco da Silva e Luís Gonzaga Gomes. Infelizmente, essa tradição não foi desenvolvida de

“É necessário apostar mais na formação de tradutores que se dedicam com entusiasmo à tradução literária”

forma coerente e contínua, causando uma lacuna ao nível dos estudos sinológicos, tanto em Portugal, como em Macau. Apesar de Portugal ter sido um dos primeiros países a contactar com os chineses e de manter uma longa história de relacionamento com a China, os estudiosos portugueses raramente centraram os seus estudos na China, preferindo voltar o olhar para a Europa ou para os países de língua portuguesa.

Em relação a Macau, esta cidade de encontro de diferentes culturas reunia condições vantajosas para criar e desenvolver estudos sinológicos, mas isso não aconteceu. As autoridades portuguesas que administraram Macau não estabeleceram um plano educacional de longo prazo para popularizar o ensino do português entre os chineses, nem incentivaram os portugueses a estudar a língua chinesa. Essa lacuna tornou impossível a formação de quadros bilingues, bem preparados, sem os quais não há uma base para o desenvolvimento da sinologia.

Além disso, durante muito tempo, as autoridades portuguesas de Macau dependiam de intermediários macaenses na comunicação com a comunidade chinesa, o que também contribuiu para a negligência na formação de profissionais versados nas duas línguas. Quando falamos da falta de estudos sinológicos em Portugal, é necessário reconhecer que na China também não há estudos aprofundados sobre Portugal, apesar da criação de mais de cinquenta cursos de estudos portugueses nas universidades chinesas. Neste sentido, a China e Portugal devem nutrir um maior interesse e uma vontade mais forte em conhecer o outro.

A tradução portuguesa de “O Encontro dos Extremos”, que demorou quase uma década a ser elaborada, acrescenta alguma informação nova?

Julgo que Ana Cristina Alves fez um bom trabalho de tradução. Trata-se de uma tradução difícil, visto que a obra contém numerosas citações e muitas delas têm directamente origem nas obras em chinês. A tradutora deve ter feito das tripas coração para traduzir estas citações. Na última década, houve outras obras a serem traduzidas que enriqueceram o intercâmbio literário entre os dois países, mas andava ocupado com outros projectos e não tive tempo para actualizar a obra, o que é, de certa forma, lamentável.

Que caminhos imagina para o intercâmbio literário sino-português nas próximas décadas? Os autores chineses contemporâneos já são suficientemente conhecidos em Portugal?

O crescente intercâmbio literário dos últimos anos, marcado pela tradução de grandes nomes como Fernando Pessoa, José Saramago, António Lobo Antunes, Lídia Jorge e Eugénio de Andrade para chinês, e de Yu Hua, Mo Yan e Yan Lianke para português, é um sinal muito positivo, mas a presença de autores chineses em Portugal ainda é limitada e concentrada em poucos nomes.

Por outro lado, muitas traduções foram feitas a partir de uma terceira língua, por isso é necessário apostar mais na formação de tradutores que se dedicam com entusiasmo à tradução literária e incentivar académicos a estudar a literatura chinesa e a portuguesa.

Nestes termos, Macau pode aproveitar a sua posição como plataforma de intercâmbio cultural entre a China e os países de língua portuguesa e desempenhar um papel mais activo, através da organização de eventos literários, da oferta de cursos de tradução literária e da criação de um prémio de tradução literária que possa reconhecer os méritos dos tradutores, tanto chineses, como portugueses. Também julgo necessária a criação de uma plataforma digital que permita aos escritores chineses e dos países de língua portuguesa trocarem as suas experiências e divulgarem as suas obras.

“Para se ser um bom tradutor, [...] a sensibilidade à língua é importante”

Que escritores chineses contemporâneos gostaria de ver traduzidos para língua portuguesa?

Nos últimos anos, o jovem tradutor Tiago Nabais tem feito um trabalho excelente. Traduziu Yu Hua e Yan Lianke – os dois escritores chineses mais representativos da actualidade – para português. Gostaria, no entanto, de recomendar outros três escritores cujas obras ainda não foram traduzidas para o português. Um deles é Liu Zhenyun, cuja escrita se caracteriza pelo humor negro, por uma sátira ácida e por uma narrativa centrada em “pequenos homens” no contexto de grandes mudanças históricas. Acabei de ler o seu mais recente romance, “Piada Salgada”, e gostei muito.

O outro é Liu Cixin, cujo romance de ficção científica “O Problema dos Três Corpos” já foi traduzido para mais de trinta idiomas, provocando um enorme impacto na área da ficção científica. É um livro que oferece aos leitores a oportunidade para ficarem a conhecer a fantástica imaginação dos escritores chineses sobre o futuro da humanidade, em vez de narrar apenas, como é habitual, as experiências dolorosas sofridas pelo povo chinês.

Para além destes, gosto muito de Bi Feiyu, cujas obras – tais como “Milho”, “Massagem”, “Ópera de Lua” e “Bem-Vindos ao Mundo Humano” – retratam a face real da China moderna, rural e urbana, ajudando o público a compreender a China por meio da descrição e da análise da natureza humana. Em relação aos escritores mais jovens, pelas leituras que tenho feito, estou muito bem impressionado com as obras de Shuang Xuetao, Ban Yu e Sun Pin.

O que é necessário para se ser um bom tradutor de língua chinesa?

Para se ser um bom tradutor, é necessária preparação, mas não apenas preparação em termos



Para Yao Jingming, a tradução literária exige um certo grau de recriação

linguísticos. É necessário conhecer também a cultura, ter bons conhecimentos culturais, mas, outra coisa que eu acho que é importante, sobretudo para os tradutores que trabalham no campo da literatura, é a sensibilidade à língua. A sensibilidade à língua é importante. Não se trata de um trabalho verdadeiramente técnico; é um trabalho literário que requer imaginação, sensibilidade e capacidade de recriar.

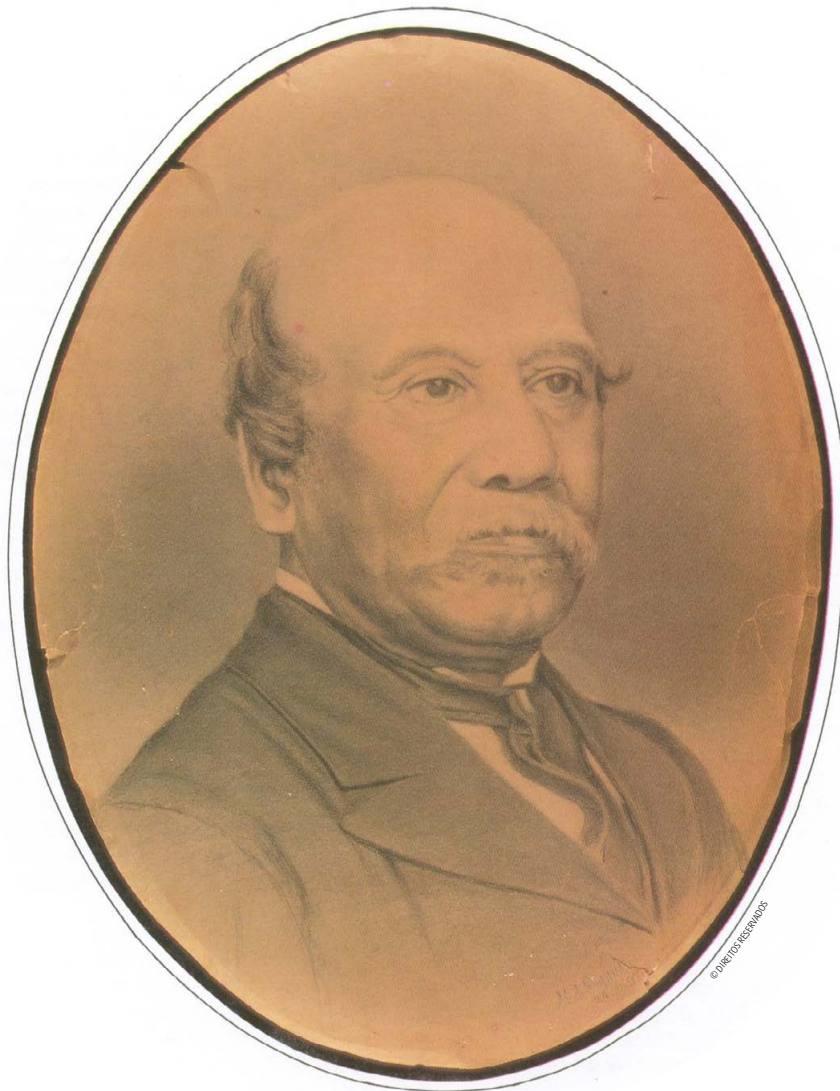
Veja-se, por exemplo, o caso da poesia. Há poemas excelentes em português. Como é que um tradutor pode manter a qualidade do poema em português na língua de chegada? Isto é algo que tem de ver não só com a capacidade do tradutor, com o domínio da língua e com os conhecimentos que possui, mas também com a sua sensibilidade. Tem de ser uma pessoa sensível em relação às palavras e à beleza

que encerram. Caso contrário, acho que é difícil que um tradutor seja muito, muito bom.

Aposentou-se no ano passado. O que tem andado a fazer Yao Jingming desde então?

Estou, como refere, aposentado das funções que desempenhei na Universidade de Macau, mas não parei de trabalhar. Estou a traduzir uma antologia de poemas de Ricardo Reis e também estou a escrever um livro de crónicas de viagem, acompanhadas das minhas fotografias. Gosto muito de fotografar, mas não sou como os fotógrafos profissionais. Às vezes vou na rua, vejo algo de que gosto e fotografo. Fotografo sempre com o telemóvel. Estou mais interessado em capturar momentos que considero interessantes, não necessariamente para os publicar, mas apenas porque acho que merecem ser fotografados. ■

CELEBRAR MARCIANO BAPTISTA, MESTRE MACAENSE DO SÉCULO XIX



Junho marca o bicentenário do nascimento de Marciano Baptista, hoje unanimemente considerado o mais proeminente artista macaense do século XIX. Dono de uma vasta obra – embora haja incertezas quanto à sua dimensão exacta –, foi discípulo de George Chinnery e ajudou a fixar para a posteridade a imagem do Delta do Rio das Pérolas do seu tempo

Considerado o mais ilustre artista macaense do século XIX, Marciano António Baptista (1826-1896) é hoje recordado pelas suas aguarelas, que ajudaram a definir os primórdios da identidade visual do Delta do Rio das Pérolas. Deixou uma marca própria na história da arte asiática, resultante da fusão que preconizou entre técnica ocidental e sensibilidade oriental, e amplamente reconhecida actualmente.

É difícil traçar ao detalhe a biografia de Marciano Baptista. Não se lhe conhecem diários, cartas ou artigos em nome próprio, e as fontes directas da altura a seu respeito são relativamente escassas e maioritariamente oficiais.

Foi a 5 de Junho de 1826, há 200 anos, que Macau viu nascer aquele que seria um dos maiores retratistas macaenses da cidade. Era filho ilegítimo de Manuel Joaquim Baptista, piloto e capitão de lancha – um tipo de embarcação local da altura –, que mais tarde o viria a reconhecer. A mãe, de ascendência chinesa, tinha como nome de baptismo Ana Laureana (ou Laurência).

Em 1838, com 12 anos, Marciano Baptista entrou no colégio ligado ao Seminário de S. José, onde completou os estudos. Reza a história que, nesses tempos de juventude, conheceu o pintor britânico George Chinnery (1774-1852), que chegara a Macau vindo da Índia em 1825 e residia perto do colégio. Chinnery, que viveu depois na cidade até à sua morte, em Maio de 1852, acabaria por se afirmar como uma figura de referência a nível artístico no Delta do Rio das Pérolas, com o seu estilo a exercer grande influência nos artistas chineses de Cantão seus contemporâneos, assim como em pintores macaenses e nos habitantes ocidentais de Macau da altura.

O jovem Marciano Baptista ajudaria o mestre no moer dos pigmentos para o fabrico das tintas, assim como a preparar as telas e a limpar os pincéis, enquanto se familiarizava com as técnicas do britânico, formado na conceituada Academia Real de Londres. De Chinnery, Marciano Baptista absorveu desde as técnicas de esboço aos traços em aguarela e óleo, seguindo os

parâmetros clássicos da chamada escola inglesa de paisagem.

Nesse início de carreira no mundo das artes, consegue já obter um rendimento modesto vendendo pinturas de pequenas dimensões a marinheiros e visitantes estrangeiros de passagem por Macau.

Em 1848, Marciano Baptista casa com Maria Josefa do Rosário (1830-1906), na igreja de S. Domingos. Ele tinha 22 anos e ela 18.

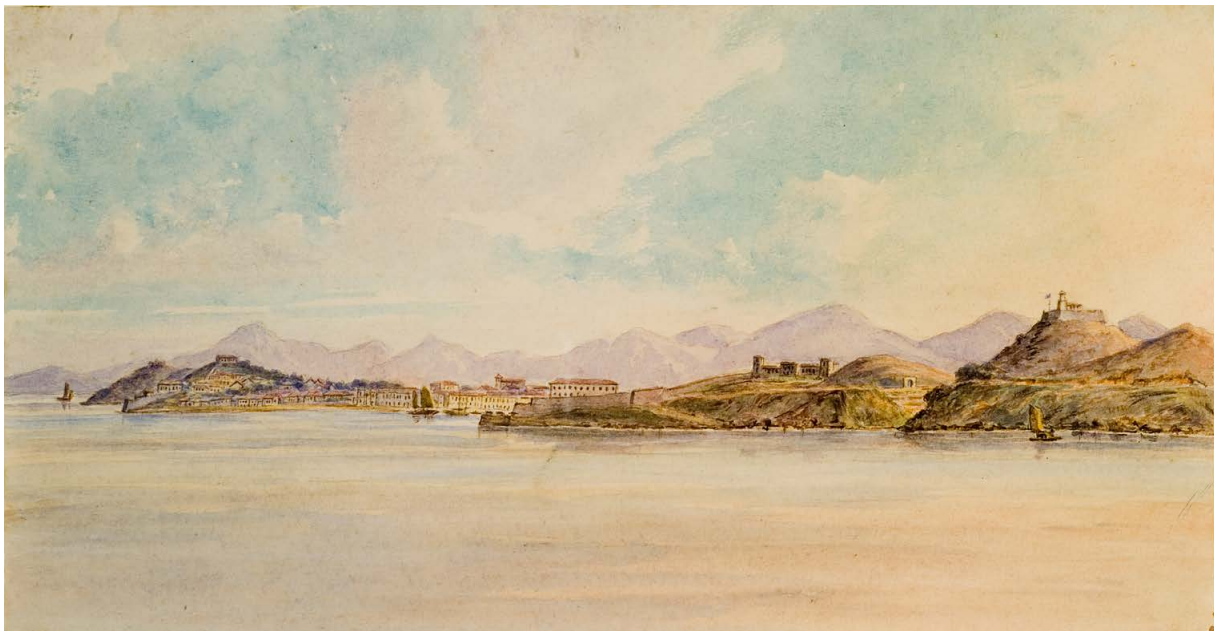
Os tempos eram de ressaca da primeira Guerra do Ópio, que tinha terminado em 1842: de Macau, assistia-se ao rápido desenvolvimento de Hong Kong enquanto território sob o jugo do Reino Unido. Face às dificuldades económicas então vividas na cidade natal, o casal junta-se ao êxodo de muitos macaenses que se mudam para Hong Kong em busca de melhores oportunidades. Entre 1849 e 1872, tiveram 12 filhos, tendo dois morrido à nascença.

No campo artístico, as ditas “pequenas pinturas” de Marciano Baptista não passam despercebidas. Na edição da “Revista Universal Lisbonense” de 10



© COLEÇÃO DO MUSEU DE ARTE DE MACAU

“O Porto Interior”, lápis e aguarela sobre papel (cerca de 1875-1880)



© COLEÇÃO DO MUSEU DE ARTE DE MACAU

“Entrada de Macau por Leste”, lápis e aguarela sobre papel (cerca de 1875-1880)

de Fevereiro de 1853, refere-se uma exposição na Academia de Belas Artes de Lisboa onde estão patentes quadros “pintados em Macau pelo Sr. Marciano Baptista e apresentados pelo Sr. Carlos José Caldeira” – um deles “representando a catedral de Macau e diferentes costumes locais; outro, a Gruta de Camões, no estado em que actualmente se acha”.

Carlos José Caldeira (1811-1882), jornalista, escritor, diplomata e político português, viveu em Macau entre 1850 e 1851. No regresso a Portugal, terá levado consigo as obras de Marciano Baptista apresentadas na mostra patente na capital portuguesa.

HOMEM DE MUITOS OFÍCIOS

Em Hong Kong, Marciano Baptista vive no número 2 do Oswald Terrace e instala um estúdio em Caine Road, para vender as suas pinturas. Em anúncios da década de 1850 – nas edições do “The China Mail” de 3 de Setembro e de 5 de Novembro de 1857 –, afirma ter para venda “pinturas panorâmicas de Hong

Kong, Macau e outros locais, produzidas ao estilo do falecido Sr. Chinnery, e também desenhos originais” da sua autoria.

Para complementar os rendimentos, Marciano Baptista dá aulas de arte durante vários anos, incluindo no St. Saviour’s College, antecessor do actual St. Joseph’s College. Documentos da época atestam a sua posição como “professor de desenho”.

Sempre muito activo e multifacetado, Marciano Baptista notabiliza-se também na produção de cenários para salas de teatro de Hong Kong. Um dos clientes de cenários é o inglês Albert Smith (1816-1860), que se diz impressionado pelos “talentosos desenhos”. Nesta faceta de pintor de grandes superfícies, o artista terá também estado ligado às pinturas do tecto e do altar das igrejas de Santo António e de São Lourenço, em Macau, de acordo com relatos de familiares.

Em paralelo, mantém o gosto pela fotografia, forma de arte então emergente. Segundo contou em entrevista o bisneto Joe

Baptista, em 2006, “depois de testemunhar um fotógrafo francês a fotografar a frota reunida no porto de Hong Kong, Marciano cedo se apercebeu do potencial da fotografia e encomendou equipamento fotográfico da Europa, começando a registar cenas do quotidiano de Hong Kong”.

Numa exposição sobre os primórdios da fotografia na China, que decorreu entre 2022 e 2023 no Peabody Essex Museum, em Salem, Massachusetts, nos Estados Unidos da América, constava uma fotografia – datada da década de 1860 – do túmulo de S. Francisco Xavier, na ilha de Shangchuan, apresentada como sendo de Marciano Baptista.

A 11 de Agosto de 1866, o artista anuncia no “Hongkong Mercury & Shipping Gazette” estar a vender as suas “três câmaras e lentes, grandes e pequenas, e produtos químicos necessários etc., tudo quase novo... preço \$370”. Como bônus oferecia ao comprador um curso de fotografia.

Na edição de 1869 do “The Chronicle & Directory for China, Japan, Philippines etc”, refere-se o nome de “M. Baptista” como impressor fotográfico da publicação “The China Magazine”. Este título durou cerca de três anos e publicou fotos de Macau (incluindo das Ruínas de São Paulo e do Convento de S. Francisco, entre outros), não assinadas e em grande formato, facto raríssimo na época, as quais tinham sido captadas anos antes, sendo muito provável que fossem de Marciano Baptista.



“Colina da Guia, Macau”, lápis sobre papel (1875)

© COLEÇÃO DO MUSEU DE ARTE DE MACAU

Outra fonte de receitas para o artista macaense eram os trabalhos esporádicos que fazia para um dos mais conceituados jornais do mundo na época, o “The Illustrated London News”. Na edição de 28 de Março de 1857, Marciano Baptista assina a autoria de duas ilustrações num artigo sobre Hong Kong. No texto que as acompanha, pode ler-se: “Estes desenhos foram feitos por um português chamado Baptista, que aqui é

considerado um artista talentoso e que foi aluno de Chinnery.”

Em Hong Kong, Marciano Baptista terá privado com o conceituado pintor chinês Lam Qua (1801-1860) – chegaram a ser vizinhos –, também ele um discípulo de Chinnery. Lam Qua afirmar-se-á como um dos expoentes máximos da produção de “pinturas para exportação” – isto é, quadros criados na China ao estilo ocidental (no seu caso, de Chinnery) du-

rante os séculos XVIII e XIX para exportação para os mercados europeu e norte-americano.

Na década de 1940, José Pedro Braga – no livro “The Portuguese in Hongkong and China” – descreve Marciano Baptista como sendo “calmo e gentil e sempre pronto para ajudar uma boa causa”.

A MORTE E A POSTERIDADE

As notícias da morte do pintor, professor, ilustrador, cenógrafo e



“Macau, vista da Colina da Penha”, aguarela sobre papel, com esboço subjacente a lápis (1865)

fotógrafo macaense evidenciam o reconhecimento de Marciano Baptista pela sociedade de Hong Kong. Morreu na cidade aos 70 anos, na manhã de 18 de Dezembro de 1896, e nesse mesmo dia surge a notícia no “The China Mail”.

No dia seguinte, o jornal “Hongkong Daily Press” escreve que “desapareceu uma figura bem conhecida e muito estimada por todos aqueles que com ele

contactavam mais directamente”. A notícia continua: “A profissão do Sr. Baptista era a de artista e, durante um longo período de anos, foi responsável pela pintura de cenários do Theatre Royal, sendo os seus esforços frequentemente recompensados com uma chamada do público ao palco antes do fecho da cortina.”

Embora a qualidade da sua arte não tenha sido completamente ignorada ao longo da sua

vida, só após a sua morte se começou, gradualmente, a atribuir a Marciano Baptista o seu verdadeiro valor. O advogado, escritor, sinólogo e coleccionador de arte Manuel da Silva Mendes (1867-1931) foi dos primeiros a fazê-lo. A 29 de Novembro de 1914, num editorial do jornal “O Progresso”, considera-o um “aguarelista notável”, autor de “altas e puras realizações estéticas”, que “deixou bom número de aguarelas,



© COLECCAO DO MUSEU DE ARTE DE MACAU

DE DISCÍPULO A MESTRE

Se, no início da carreira, as pinturas de Marciano Baptista se assemelhavam no estilo às do seu mestre George Chinnery, com o passar dos tempos o artista macaense criou a sua própria marca. O conhecido galerista Martyn Gregory escreveu, em 1990, no catálogo de uma exposição com obras de Marciano Baptista patente no então Leal Senado, que, “onde Chinnery sugere de forma oblíqua, Baptista apresenta uma explicação completa”.

De acordo com o investigador e historiador César Guillén Nuñez, organizador da exposição, a obra de Marciano Baptista pode ser dividida em quatro grandes grupos: pinturas de dimensões maiores, com cenas de portos de mar e de paisagens, executadas sobretudo em aquarela; álbuns com conjuntos de aquarelas de tamanho médio, uma espécie de lembrança turística; desenhos e pinturas de cenas de rua; e pinturas ou desenhos de motivos históricos.

Os peritos destacam a atenção ao detalhe do artista macaense, em paralelo com uma pincelada com cunho oriental. O traço denota também a presença de técnicas ocidentais, quer na perspectiva quer nas cores, onde recorre sobretudo ao azul e ao vermelho, como cores primárias, e esporadicamente ao verde e ao castanho.

quadros a óleo, desenhos e esboços a tinta de Nanking”, representando paisagens, costumes e cenas históricas. Poucos anos depois, em 1918, Humberto de Avelar (1884-1944), editor do título “Macau, Semanário Artístico, Literário e Social”, classifica-o como “o melhor artista que até hoje nasceu em Macau”.

Uma década depois, em 1928, a poetisa e filantropa Maria Ana Tamagnini Barbosa (1900-1933), esposa do então governador de Macau, Artur Tamagnini de Sousa Barbosa (1881-1940), escreve um artigo sobre uma exposição de arte no desaparecido Palacete da Flora em que destaca o “incontestável valor artístico” de Marciano Baptista. Terá sido uma das primeiras vezes que a obra do macaense foi mostrada publicamente na sua terra natal.

Foi preciso esperar até 1990 para uma grande mostra dedicada ao seu trabalho. Desta vez, não só em Macau, por iniciativa do então Leal Senado, como também em Hong Kong, no Mandarin Hotel. Duas exposições e dois catálogos nasceram dessas iniciativas: “Marciano Baptista e a sua Arte” e “Marciano Baptista 1826-1896: Artist of the China Coast”.

A Avenida de Marciano Baptista, junto ao Museu do Grande Prémio, é a homenagem maior da terra natal àquele que é considerado o mais pródigo macaense no mundo das artes durante o século XIX.

O LEGADO

Passados 200 anos sobre a morte de Marciano Baptista, o valor ar-

tístico das suas obras sobressai de forma inquestionável no mercado de arte actual. Em Novembro do ano passado, duas aquarelas do artista com representações da baía da Praia Grande em meados do século XIX foram arrematadas num leilão em Londres por mais de 26 mil libras esterlinas, um valor superior a 280 mil patacas ao câmbio actual. A pintura “The Praya Grande from the South” atingiu 16.640 libras esterlinas, enquanto “The Praya Grande from the North” foi vendida por 9600 libras esterlinas.

Estima-se que Marciano Baptista tenha produzido mais de uma centena de obras e fê-lo praticamente até ao fim da vida. A 11 de Março de 1896, apenas três semanas antes de morrer, completou a pintura a óleo “The Royal visit of HRH Prince Alfred, Duke of Edinburgh, aboard HMS Gallatin”, visita que tinha ocorrido em 1869.

Um dos mais notáveis mecenas de Marciano Baptista foi o rico comerciante chinês Wu Bingjian (1769-1843), também conhecido como Howqua, o que ajudou a consolidar a reputação do artista macaense. Em 1875, pinta uma aquarela a propósito dos jardins ligados ao comerciante chinês em Guangzhou, a qual faz actualmente parte da colecção do Museu de Arte de Hong Kong.

Em 2013, uma pintura a óleo intitulada “A Lorcha”, que esteve na posse de familiares de Marciano Baptista durante mais de 150 anos, foi restaurada e regressou a Macau, sendo entregue à Macao Association of the



© COLEÇÃO DO MUSEU DE ARTE DE MACAU

"Refeição à Sombra da Árvore", óleo sobre tela (data desconhecida)



© COLEÇÃO DO MUSEU DE ARTE DE MACAU

"O Forte de D. Maria II, Macau", lápis e aguarela sobre papel (cerca de 1875-1880)



© COLEÇÃO DO MUSEU DE ARTE DE MACAU

“Templo de A-Má, Macau”, desenho a pena a tinta castanha e aguarela sobre papel, com esboço subjacente a lápis (1862)

Thirteen Hongs for Culture and Trade Promotion. O quadro foi feito em homenagem ao pai.

A esmagadora maioria dos trabalhos conhecidos do artista encontra-se actualmente em colecções públicas e privadas de Macau, Hong Kong, Austrália e Portugal. Permanece por fazer, no entanto, um levantamento exaustivo da obra de Marciano Baptista.

Manuel da Silva Mendes, no seu extenso artigo “Notas Soltas sobre a Arte Chinesa”, publicado em partes entre 1918 e 1919, deixou um contributo: “Conhecendo-se sem ensanchas para largos empreendimentos, vemo-lo em pequenos estudos de paisagem e de género, que só a mestres seria dado empreender.” No texto, Silva Mendes menciona diversas obras

atribuídas a Marciano Baptista, incluindo “Camões salvando-se com os Lusíadas do naufrágio em Cambodja” – “que nos dizem ter ido para Inglaterra”, refere –, “O Pagode da Barra em Macau”, “Uma Rua de Vendilhões em Cantão”, “Um Recanto do Jardim Botânico de Hong Kong”, “O Porto de Amoy”, “Uma Lorcha” e “Um picnic de Chineses”, entre outras.

A par do valor estético, a obra de Marciano Baptista destaca-se também pelo valor histórico e documental – não só em relação a Macau, mas também a Hong Kong, inscrevendo por mérito próprio o nome do macaense na história da arte na Ásia no século XIX. Marciano Baptista não foi apenas aluno de um grande mestre; foi ele próprio mestre de uma nova forma vi-

sual resultante da fusão de marcas ocidentais e orientais num traço marcado pela sensibilidade. Absorvendo as concepções e técnicas da maior escola de aguarela de então da Europa (a inglesa), mas inserindo valores locais nas suas obras, Marciano Baptista pode ser encarado como um exemplo de interpenetração cultural.

Como resumiu Manuel da Silva Mendes: “Não deixou discípulos, mas tendo vivido sempre em contacto com chineses e trabalhado com alguns deles, contribuiu para despertar o gosto pelos processos europeus no sul da China”. ■

* Jornalista, autor de vários livros sobre a história de Macau e criador do blogue Macau Antigo (macauintigo.blogspot.com)

VER
VÍDEO
AQUI





Leia esta e outras edições
no website da **Revista Macau**



www.revistamacau.com.mo

App da Revista Macau disponível em:



Viagem pela cultura do chá em Sichuan

Nas montanhas de Sichuan, o chá é mais do que uma bebida: é cultura e modo de vida, enformado por tradições milenares que mesclam costumes e povos

A chegada a Sichuan, terra fértil abraçada por montanhas, não é apenas a imponência das paisagens naturais que deslumbra o viajante, mas também a tradição milenar do chá. Reconhecida como um dos berços da cultura do chá na China, a província possui mais de três mil anos de história de cultivo e consumo do produto, sendo também o ponto de partida da “Antiga Rota do Chá e dos Cavalos”.

Situada na orla oeste da bacia do rio Sichuan, a Montanha Mengding é conhecida histori-

camente como o principal ponto de produção de chá na região. Envolta em neblina e abençoada com um clima ameno, oferece condições ideais para o cultivo da prestigiada variante Mengshan. A reputação do produto atravessa séculos: desde o primeiro ano da era Tianbao, na Dinastia Tang (equivalente ao ano 742 d.C.), e por mais de um milénio, ao longo de cinco dinastias, este chá serviu como tributo imperial.

Trata-se de um tipo de chá verde, cuja produção passa por uma sequência rigorosa de etapas, desde a colheita até à torrefacção.

O resultado é uma bebida de aparência refinada, cor viva e brilhante, aroma intenso e sabor suave e adocicado, apreciada não apenas pelo paladar, mas também pelos seus benefícios para a digestão.

O CHÁ COMO PONTE CULTURAL

Se o chá de Mengshan representa a delicadeza associada à bebida em Sichuan, a “Antiga Rota do Chá e dos Cavalos” carrega consigo uma narrativa histórica diferente. Com origem na localidade de Ya’an, na zona ocidental da província, esta antiga via não



A Montanha Mengding oferece condições ideais para o cultivo da prestigiada variante de chá Mengshan

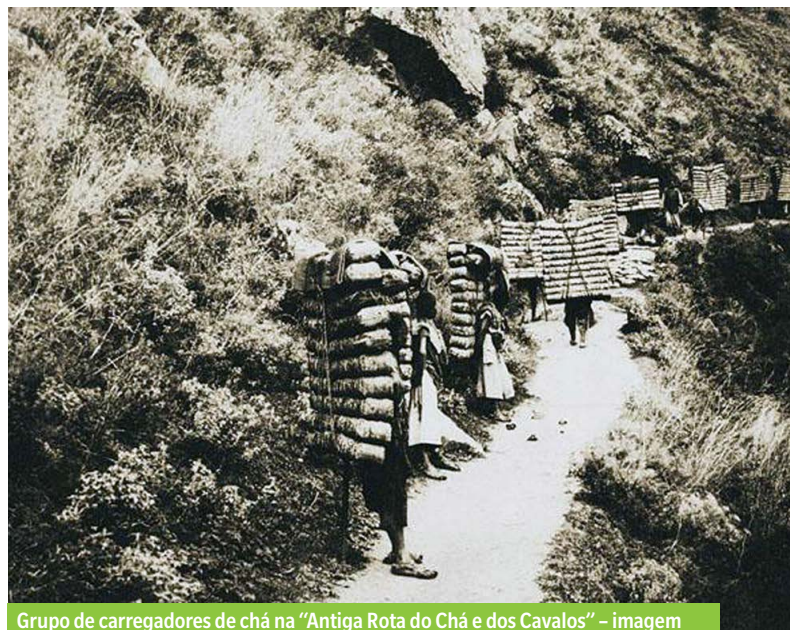
era apenas uma rota de mercadorias, mas um corredor económico e cultural que ligava as planícies centrais chinesas ao Tibete e, mais além, ao Sul da Ásia.

A partir da dinastia Tang (618–907 d.C.), a rota foi-se consolidando como via privilegiada para o comércio de chá proveniente de regiões habitadas pela etnia Han, em troca de cavalos do planalto tibetano. Entre montanhas e desfiladeiros escarpados, por caminhos estreitos e irregulares, grupos de carregadores e caravanas de cavalos abriram, a muito custo, esta rota lendária de mais de quatro mil quilómetros. O produto mais precioso que transportavam era o chamado “Chá da Rota do Sul”, também conhecido como “chá tibetano”, um tipo de chá preto fermentado proveniente de Sichuan.

Para suportar as longas jornadas, as folhas eram comprimidas em blocos ou discos. Ao longo dos meses de transporte, o produto era repetidamente molhado pela chuva e depois seco por acção do sol, passando por um processo de fermentação natural que lhe conferia um sabor encorpado e suave, tornando-o adequado a infusões prolongadas.

Ao chegar ao planalto tibetano, o chá era misturado pelas populações locais com manteiga de iaque, sal e às vezes nozes. Era depois batido até formar o cremoso chá de manteiga.

Fonte de calor e nutrientes, essenciais em condições de frio e



Grupo de carregadores de chá na “Antiga Rota do Chá e dos Cavalos” – imagem captada em 1908 pelo diplomata e fotógrafo francês Auguste François (1857-1935)

baixa oxigenação como aquelas que caracterizam o planalto tibetano, a bebida tornou-se parte fulcral do quotidiano local. O ditado popular tibetano “mais vale passar três dias sem comida do que um dia sem chá” evidencia a importância dada à bebida no Tibete.

A “Antiga Rota do Chá e dos Cavalos” não se limitava ao transporte de mercadorias. Promoveu também a interacção entre diversos povos do sudoeste da China – Han, tibetanos, Yi, Qiang e outros grupos étnicos –, favorecendo a integração linguística, religiosa e de costumes.

DOS CAMPOS À CHÁVENA

Uma viagem turística a Sichuan não fica completa sem a participação numa experiência ligada à produção de chá. Nas plantações que cobrem a Montanha

Mengding, em sucessivos socos, é possível aos visitantes acompanhar os agricultores locais e aprender como seleccionar e colher as folhas frescas de chá. Já nos ateliers tradicionais, pode-se acompanhar etapas como a torrefacção e o enrolamento das folhas; e, em vetustas casas de chá em Chengdu, é possível ainda hoje provar uma chávena recém-preparada de Mengding Ganlu, a variedade mais prestigiada da região, enquanto se aprecia uma peça do famoso teatro de máscaras de Sichuan.

Também é possível visitar estações associadas à “Antiga Rota do Chá e dos Cavalos”, além de museus focados nas caravanas que percorriam esta via. Tudo para conhecer melhor o auge desta tradição comercial e a intensa troca cultural que estimulou entre diferentes grupos étnicos. ■

Texto extraído da edição n.º 130 da coluna especial “Um Vislumbre da Cultura Chinesa”, iniciativa do Macao Daily News em colaboração com o Diário de Notícias

O PONTAPÉ DE SAÍDA PARA UMA NOVA ETAPA





Texto **Vitor Rebelo**

Durante décadas, os campos de futebol em Macau foram quase exclusivamente território masculino. Hoje, porém, começam a surgir novos rostos, novas histórias e novas ambições. Na cidade, como no resto do mundo, a modalidade começa finalmente a afirmar-se

Num momento em que o futebol feminino vive uma fase de forte expansão a nível global, também em Macau começam a surgir sinais claros de mudança. A modalidade, durante décadas praticamente ausente do panorama competitivo local, deu recentemente um passo histórico com a realização, na segunda metade de 2025, do primeiro campeonato feminino de futebol de onze.

Este foi um sinal claro de mudança para quem, durante anos, lutou para que a modalidade conquistasse o seu espaço no cenário desportivo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

A competição teve lugar no relvado do Centro Desportivo Lin Fong (antigo Campo do Canídromo) e contou com a participação de quatro equipas: ADRAM, Artilheiros, Hong Fong e Sporting. Mais do que uma simples prova desportiva, tratou-se de um momento carregado de significado para jogadoras, treinadores e dirigentes que acompanharam o crescimento do futebol feminino desde os seus primeiros passos.

Ver um grupo de raparigas a encher um campo onde, desde

sempre, apenas atletas masculinos ali jogavam terá sido o “clique” para que mais jovens fossem aliciadas para a prática da modalidade, quer em termos competitivos, quer apenas, numa primeira fase, para contacto com a bola.

“Foi realmente agradável vê-las jogar no estádio”, diz à Revista Macau a seleccionadora da RAEM. Jun Meng espera que este tenha sido o ponto de partida para que “mais equipas se inscrevam no campeonato local, expandindo gradualmente a liga feminina”.

O campeonato inaugural foi considerado um sucesso e trouxe uma enorme alegria para as jogadoras que nele participaram, independentemente dos resultados. Segundo a Associação de Futebol de Macau (AFM), a liga “vai ter continuidade este ano”, embora não se saiba com quantas equipas para além das quatro que participaram na primeira prova.

UM SONHO QUE PARECIA DISTANTE

Para muitas atletas, a criação desta competição representou algo que há poucos anos pare-

cia praticamente impossível. Sara Fonseca, atleta campeã pela ADRAM, recorda como o futebol feminino era visto em Macau há pouco mais de uma década.

“Se me perguntassem isto há dez anos, eu não acreditava, porque o futebol feminino nunca foi facilmente aceite em Macau”, afirma a atleta, acrescentando que, no passado, o número de jogadoras era muito reduzido, dado que o futebol era visto como um “desporto para homens”.

Nos últimos anos, porém, essa realidade começou lentamente a mudar. Tal como em muitas outras regiões do mundo, o futebol feminino tem vindo a ganhar visibilidade e reconhecimento, contribuindo também para a transformação de mentalidades e para a quebra de estereótipos de género.

Apesar dos progressos, destaca Sara Fonseca, persistem ainda alguns obstáculos. Mesmo com as importantes “vitórias” já conquistadas, “há ainda muito a batalhar”, refere, especialmente no que diz respeito a mudar a mentalidade dos pais para que não vejam o futebol como uma modalidade “tipicamente masculina”, sublinha.



Sara Fonseca defende uma maior divulgação do futebol feminino para atrair mais atletas

Para Sofia Basto da Silva, colega de equipa na ADRAM e capitã da selecção de Macau, o momento actual da modalidade é, no entanto, claramente positivo.

“É algo que se tem vindo a desenvolver e a crescer, com altos e baixos, mas neste momento encontramos-nos a viver o melhor momento”, reconhece, considerando que o campeonato de onze era a competição que lhes faltava.

A atleta, que começou a jogar ainda na escola primária, também destaca o crescimento que se tem observado nas camadas mais jovens. “Há evolução, nem que seja pelo crescente número de jogadoras, algo bastante visível nas camadas mais jovens, ainda em idade escolar”, salienta.

POTENCIAL “ILIMITADO”

Para a seleccionadora local, o crescimento do futebol femini-

no em Macau depende sobretudo da capacidade de atrair e desenvolver novas jogadoras. Sobre a adesão de raparigas, Jun Meng afirma que as futebolistas locais “possuem potencial ilimitado”, tendo que ganhar confiança e ser incentivadas o suficiente “para revelarem as suas capacidades”.

O aumento gradual do número de praticantes tem sido acompanhado também por um maior envolvimento dos clubes e



A seleccionadora Jun Meng tem apostado em sessões regulares de desenvolvimento das jogadoras locais

por iniciativas promovidas pela AFM. Actualmente, segundo dados da associação, existem 324 jogadoras registadas em Macau, embora apenas cerca de 80 estejam em condições de competir.

Em comparação, no futebol masculino, o número de inscritos ultrapassa os 9900 atletas. A diferença continua significativa, mas o fosso começa lentamente a diminuir.

Ainda assim, há obstáculos que têm de ser superados. A seleccionadora considera que

Macau ainda “enfrenta desafios consideráveis”, pois a base de jogadoras de futebol continua limitada. Neste contexto, afirma, os treinadores “devem continuar a envidar esforços” para que o futebol feminino conheça cada vez mais progressos, uma vez que há “ainda muito a aprender”.

Há dois anos à frente da equipa principal de Macau, Jun Meng introduziu um plano de treinos mais regulares, abrindo também portas à participação em estágios e competições além-fronteiras.

“A selecção de Macau realiza sessões regulares de desenvolvimento das jogadoras, enquanto lhes proporciona um maior apoio posicional e técnico”, explica a treinadora, acrescentando que “a equipa realiza anualmente jogos amigáveis contra equipas de várias regiões, participa em competições da Confederação Asiática de Futebol e envolve-se em diversos torneios”.

“Através destes compromissos, as jogadoras de Macau têm vindo a ganhar uma experiência

valiosa”, frisa a seleccionadora. “Esperamos, no futuro, ter mais sessões de treino, porque a duração dos nossos treinos continua a ser relativamente curta, principalmente devido ao número reduzido de instalações desportivas”, acrescenta.

Para atrair mais jovens para a modalidade, a AFM tem apostado também em iniciativas de aproximação ao público.

“São organizados regularmente eventos de envolvimento dos adeptos, convidando o público a assistir aos nossos treinos ou jogos”, realça a treinadora, referindo-se a iniciativas como o Dia do Futebol Feminino e o Dia do Futebol de Base, que procuram “incentivar mais raparigas a participar” na modalidade.

Relativamente ao futuro da se-

lecção, Jun Meng aponta para um objectivo claro: “Esperamos que mais equipas participem na nossa Liga de futebol, permitindo-nos cultivar as nossas próprias estrelas do futebol feminino.”

AS PRIMEIRAS SEMENTES

Apesar da visibilidade recente, os primeiros passos do futebol feminino em Macau começaram a ser dados há cerca de uma década. Em 2016, a AFM organizou um “mini-campeonato” na variante de sete, disputado no campo sintético do Colégio Dom Bosco. Antes disso, porém, já a Associação Desportiva, Recreativa e Cultural Show Di Bola tinha dado um contributo importante para o arranque da modalidade.

A iniciativa partiu dos irmãos Pelé e Cuco, antigos jogadores

em Macau, que em 2013 decidiram formar uma equipa feminina composta por estudantes e por algumas jogadoras mais experientes.

“Tivemos bons patrocínios para que pudéssemos desenvolver a modalidade e, para além de termos participado numa competição em Macau, na qual conquistámos um terceiro lugar, fomos a alguns torneios internacionais, nomeadamente a Phuket, na Tailândia, a Shenzhen e a Hong Kong”, menciona Pelé.

O projecto, porém, não teve continuidade devido a diversos factores, explica o antigo jogador. “Depois da pandemia da COVID-19, não tivemos mais equipa de futebol feminino, visto que a nossa base de jogado-



Sofia Basto da Silva, capitã da selecção de Macau, diz que a modalidade atravessa um momento positivo

DE MACAU PARA OS RELVADOS DE HONG KONG

Aos 20 anos, Zara Matos já desbravou um caminho inédito para o futebol feminino de Macau. A jovem tornou-se na primeira jogadora local a ingressar no competitivo panorama do futebol de Hong Kong, dando um passo que simboliza também as novas ambições das atletas da cidade.

Depois de se destacar nas primeiras competições femininas organizadas a nível local pela Associação de Futebol de Macau, Zara Matos decidiu procurar desafios mais exigentes além-fronteiras. O destino foi Hong Kong, onde começou a dar forma a uma aventura que rapidamente ganhou dimensão.

Nos primeiros tempos, treinou com dois clubes de referência, o Kitchee e o Hong Kong Football Club – experiências que lhe permitiram adaptar-se a um ambiente competitivo mais intenso. A estreia oficial chegou na época passada, ao serviço do Rangers, equipa da II Divisão de Hong Kong, onde a avançada de Macau não demorou

a deixar marca. Ao longo da temporada, Zara Matos afirmou-se como uma das figuras da competição e terminou como a melhor marcador daquele campeonato.

As suas qualidades técnicas e físicas, aliadas à velocidade, chamaram a atenção de observadores e treinadores da primeira divisão. O reconhecimento chegou pouco depois, com a assinatura de um contrato com o United Citizen, clube que milita no principal escalão do futebol feminino de Hong Kong.

Sobre as expectativas para esta nova etapa, Zara Matos explica à Revista Macau que procura “uma maior intensidade de jogos e treinos e um nível mais elevado de qualidade entre jogadoras, visto que a maioria faz parte da selecção de Hong Kong”, o que lhe permite “ganhar maior experiência”.

A ligação da atleta ao futebol não se limita apenas ao papel de jogadora. Paralelamente à carreira dentro de campo, a jovem portuguesa acaba de iniciar um novo projecto ligado à formação.

Recentemente, tornou-se embaixadora e treinadora da equipa feminina de Sub-13 da academia do clube francês Paris Saint-Germain em Hong Kong, assumindo também uma missão de inspiração junto das novas gerações.

“O projecto ainda está em desenvolvimento e eu tenho um papel de modelo para as jogadoras ou/e jogadores que um dia queiram seguir o mesmo caminho”, refere, acrescentando que tem sido uma “experiência incrível”.

No caso de Zara Matos, a paixão pela modalidade nasceu dentro de casa. O pai, Paulo Conde, foi jogador de vários clubes e da selecção de Macau, tornando-se uma referência importante no percurso da filha.

“Cresci com dois irmãos que jogam futebol e obviamente o meu pai tem sido um modelo de inspiração, tendo ajudado muito no meu desenvolvimento com treinos específicos”, salienta.

Para Zara Matos, o seu percurso surge também num momento particularmente importante para o futebol feminino em Macau. A criação do primeiro campeonato de futebol de onze a nível local representa um passo fundamental para o crescimento da modalidade. “Este tipo de competição oferece às jogadoras a oportunidade de adquirirem uma experiência valiosa e de cultivarem a competitividade, algo que é fundamental para o seu desenvolvimento”, conclui.



Zara Matos joga no principal escalão do futebol feminino de Hong Kong

© DIREITOS RESERVADOS

ras era composta por estudantes universitárias de países de língua portuguesa e de outras regiões, tendo muitas destas atletas regressado aos seus países de origem”, afirma.

Sara Fonseca fez parte dessa equipa pioneira e acompanhou, desde então, a evolução da modalidade. “Penso que agora já há maior divulgação nas escolas, há mais miúdas interessadas no desporto, o que leva a um maior interesse em entrar em clubes para participarem em competições”, sublinha.

A jogadora acredita que o futuro poderá trazer ainda mais progressos. “Penso que será sempre a melhorar, uma vez que as jogadoras mais novas já têm muita técnica, havendo uma diferença muito grande entre quem começa a jogar futebol mais tarde, como eu, que só comecei aos 18 anos, e elas, que já praticam a partir dos 12”, destaca.

Também com experiência na selecção, Sara Fonseca destaca o impacto da actual treinadora no desenvolvimento do grupo, nomeadamente no que toca ao “espírito de equipa, à disciplina e à garra”. “Acho que estamos aqui todas a tentar desenvolver o futebol feminino, com os clubes também a fazerem um óptimo trabalho, até porque os treinadores estão igualmente numa fase de aprendizagem”, realça.

O PAPEL DAS ESCOLAS

Para consolidar o crescimento do futebol feminino, muitos consideram essencial reforçar a ligação com as escolas. “É ne-

cessário ir às escolas e divulgar a modalidade, integrá-la nas actividades escolares”, afirma Sara Fonseca, lembrando que foi através do futsal, numa escola em Portugal, que descobriu o gosto pelo futebol.

“Eu sempre gostei de desporto e, através dele, fiz muitas amizades e tenho tido momentos inesquecíveis”, refere.

Kong Iok Ian, guarda-redes da ADRAM e da selecção de Macau, também acredita que o aumento do número de jogos seria importante para medir o progresso que se tem observado recentemente.

“As jogadoras em Macau têm menos de 18 anos ou mais de 30, não há jogadoras suficientes na faixa dos 20 anos, que deveria ser o auge da carreira desportiva, mas sei que isso se deveu a lacunas no sistema, que está agora a recuperar, algo que ainda leva tempo”, afirma.

Para a atleta, o desenvolvimento da modalidade exige paciência. “Entre cinco e dez anos será a meta mais expectável para o desenvolvimento do futebol feminino em Macau”, considerando que as equipas estão a integrar cada vez mais jogadoras jovens, sublinha Kong Iok Ian.

“Algumas jogadoras já participam regularmente nos treinos da formação sénior, mas são muito jovens, todas têm menos de 18 anos, leva tempo para se desenvolverem e, ao mesmo tempo, precisam de enfrentar o desafio de serem jogadoras a tempo parcial, juntando no futuro próximo estudos e trabalho”, remata.

Sobre a selecção, Kong Iok Ian



“As jogadoras de Macau têm vindo a ganhar uma experiência valiosa”

JUN MENG

Seleccionadora de Macau

destaca as melhorias recentes na preparação. “Começámos com treinos regulares, com treinadores qualificados, que estão também a evoluir, para ter um treino mais sistemático, incluindo treino físico como rotina regular, o que não acontecia há anos”, refere.

A guarda-redes nota também uma mudança de atitude entre as novas gerações. “As raparigas actualmente são mais corajosas e abertas aos ‘desportos masculinos’, graças à educação aberta das escolas internacionais.”

Ainda assim, a guarda-redes deixa um alerta para o futuro. “Além de ser necessário continuar a apostar no recrutamento, a qualidade dos treinadores também precisa de ser melhorada.” Nesse sentido, sugere que mais treinadores se juntem ao desenvolvimento da modalidade, “a fim de criar uma imagem melhor para as jovens jogadoras”. ■

Palco para o mundo

Foto-reportagem
de **Cheong Kam Ka**

Os sons e ritmos do mundo voltaram a animar o Centro Histórico no final de Março, a propósito da 12.ª edição do Desfile Internacional de Macau. Grupos de uma dezena de países e regiões – incluindo 50 trupes locais – espalharam cor e movimento por um percurso que se estendeu das Ruínas de São Paulo até à Praça do Lago Sai Van, onde decorreu o espectáculo final. De França à Turquia, de Portugal à Indonésia ou de Moçambique a Hong Kong, o evento – organizado pelo Instituto Cultural em colaboração com cinco operadoras locais de turismo e lazer integrado – reuniu uma mescla de 1600 artistas, além de milhares de espectadores e doses industriais de entusiasmo e alegria.













© CHEONG KAM WA

Entre *a luz e a sombra*, a Macau de Agnes Lam

É uma das vozes mais sensíveis e atentas da Macau contemporânea. Poetisa, investigadora, cronista e antiga deputada, **Agnes Lam** possui uma capacidade rara de ler, para além do evidente, a cidade onde nasceu. Professora associada da Universidade de Macau, não se cinge aos monumentos e às ruas, mas procura abraçar as camadas de memória e de afectos que as habitam

Texto **Marco Carvalho**

Se o berço ditasse a sorte, Agnes Lam Iok Fong dificilmente teria chegado onde está hoje. Parte de uma família humilde e numerosa da Areia Preta, a agora docente da Universidade de Macau (UM) aprendeu desde muito cedo o valor do trabalho, numa infância desprovida de leveza. Mais do que acorrentá-la ao peso do destino, a experiência motivou-a, porém, a lutar por um fado diferente.

A actual directora do Centro de Estudos

de Macau da UM construiu o seu percurso com talento, determinação e paixão, mas também com sacrifício. Começou a publicar poemas em jornais locais aos 13 anos, ingressou na UM em 1991 e, mais tarde, concluiu um mestrado e um doutoramento na Universidade Renmin, em Pequim. Pelo meio, apaixonou-se pela singularidade da história de Macau e fez do desígnio de deslindar e compreender a identidade única da cidade uma missão.

1 Pastoral de Macau

Mais do que um outro tempo, um outro mundo. Quando Agnes Lam nasceu, soltava a Primavera de 1972 as primeiras risadas, no lugar das descomunais torres que hoje riscam o firmamento, medravam na **Areia Preta** campos de cebolinho, leirões de coentros, espinafres d'água e um vasto rol de outras hortaliças e verduras. Entre o Iao Hon e a Ilha Verde, a terra – preciosa e escassa – estava esquarterada por um sem-fim de hortas e chácaras e foi nesse universo pastoral, de uma bondade mais imaginada

do que real, que cresceu e se fez gente.

“A minha família cultivava vegetais e nós ajudávamos nas lides da terra desde muito cedo. Na altura do Ano Novo Chinês, era às crianças que cabia lavar o cebolinho antes de o levar ao mercado. A água gelada deixava-nos as mãos dormentes”, recorda.

Sexta de nove filhos, Agnes Lam cedo se habituou à carestia e à privação, mas também a olhar para o pouco que a vida lhe dava com uma esperança infinita. Aprendeu, nas granjas da Areia Preta, a não impor limites a si mesma e a trans-

formar obstáculos em incentivos. Exigente, a infância moldou-lhe a alma. Inculcou-lhe a perspectiva de que, mesmo tendo nascido com as mãos na terra, tudo estava ao seu alcance.

“Acho que a perspectiva que tenho sobre a vida e sobre aquilo que podemos fazer com ela é na Areia Preta que tem raízes. Nunca coloquei limites ao que quer que seja e abomino aquela ideia de que certas pessoas só podem fazer certas coisas. Desde muito cedo que disse a mim mesma que poderia ser e poderia fazer o que quer que fosse”, sublinha Agnes Lam.



Edifício-sede dos Correios de Macau

2 A escola da vida e a vida na escola

Liberal e tolerante, o pai – um lavrador esforçado que fazia biscates como taxista para sustentar a família – permitiu que todos os nove filhos frequentassem o ensino secundário. Aluna brilhante e dedicada, Agnes Lam deu por si a ambicionar horizontes cada vez mais largos e a fazer do acesso à universidade uma forma de redenção pessoal.

Um acidente vascular cerebral atirou o pai para uma cama e quase lhe trocou as voltas. Incansável, a jovem chorou, trabalhou e lutou, mas, em Setembro de 1991, tornou-se a primeira da sua família a entrar no ensino superior. A então **Universidade da Ásia Oriental**, antecessora da Universidade de Macau, tornou-se uma tábua de salvação, mas também um abrigo de olhos e uma porta aberta para a autognose.

Foi na universidade que, pela primeira vez, ouviu falar da história de Macau, da importância secular como ponte entre culturas e do papel pioneiro que teve em domínios tão distintos como o intercâmbio científico ou o exercício do jornalismo.

“Só depois de me ter licenciado, quando estava a preparar o mestrado, ouvi falar no ‘A Abelha da China’. Li um livro, intitulado ‘História do Jornalismo na China’ e uma passagem chamou-me a atenção: ‘O primeiro jornal estrangeiro na história da China é o Abelha da China e foi publicado em Macau’. Desconhecia esse facto por completo”, conta a do-

cente. “Foi a partir desse momento que comecei a sentir um forte desejo de aprender mais sobre a história de Macau”, confessa.

Foi na UM que o seu interesse pela identidade multicultural única e pela complexidade da história de Macau despertou e ganhou contornos sistemáticos. A curiosidade levou-a a estudar português, a completar um mestrado no Interior da China e, mais tarde, a regressar à sua alma mater como professora. “Apercebi-me de que a história de Macau era complexa e intrincada e de que há um sem-fim de aspectos sobre os quais pouco ou nada se sabe. Estas coisas são importantes para nós, mas também para o resto do mundo, para toda a Humanidade”, assume a académica.

Hoje, como directora do Centro de Estudos de Macau, Agnes Lam continua a aprofundar o seu entendimento sobre a cidade e sobre a forma como ajudou a mudar o mundo. A UM foi fundamental para a sua concretização profissional, mas ofereceu-lhe algo ainda mais importante: dotou-a da consciência de que ser de Macau não é apenas nascer na Areia Preta ou no Tap Seac; é compreender profundamente a singularidade da cidade.

3 O espírito de Macau

Convivência harmoniosa. Se há aspecto em que Macau pode dar lições ao mundo, argumenta Agnes Lam, é na coexistência pacífica entre religiões e culturas. A **Rua do Seminário**, defende a académica, é um dos locais que

melhor captura essa ênfase peculiar do espírito da cidade.

Entalada entre a Rua da Alfândega e a Rua da Prata, a artéria é como que um cordão umbilical que coloca em contacto os mundos do catolicismo e do budismo. Do lado católico, o Seminário de São José, historicamente destinado à formação de rapazes, sobrevive imponente. Quase em frente, o templo de Kong Tac Lam, que outrora acolhia uma comunidade monástica feminina, ilustra na perfeição os argumentos de Agnes Lam e a notável capacidade de Macau de permitir que Oriente e Ocidente coexistam lado a lado, sem exclusão.

“É uma rua cheia de histórias. De um lado tínhamos o seminário católico e do outro o mosteiro budista. No seminário, apenas estudavam rapazes; no mosteiro, raparigas. Sempre que visito aquela zona não consigo deixar de me interrogar: ‘Será que houve histórias de amor das quais nada sabemos entre os estudantes de ambas as instituições?’”, atira a antiga jornalista.

A proximidade com outras zonas históricas, como o Largo do Lilau ou a Casa do Mandarim, reforça a ideia. Vivendas de estilo português e casas chinesas tradicionais sobrepunham-se, criando um tapete urbano onde o cruzamento entre o Oriente e o Ocidente não era apenas um lugar-comum, mas uma realidade pujante e viva.

“Há imensos lugares em Macau onde o Oriente e o Ocidente se cruzam. O que ve-

mos nesses locais é que as sombras de ambas as culturas se interceptam. Se permanecermos muito tempo na sombra, conseguiremos discernir a luz. As sombras convergem e delas emerge algo autêntico e novo”, sustenta Agnes Lam.

Da penumbra do encontro de culturas, argumenta a docente, surge uma luz própria. É nesse espaço intermédio, onde as tradições se tocam e influenciam, que nasce algo inédito e singular: a identidade de Macau.

4 A metáfora da pedra

Um sumptuoso símbolo da transmutação de Macau. O **Edifício-sede dos Correios de Macau**, nas faldas do Largo do Senado, ocupa um lugar especial no coração e na memória de Agnes Lam. Muitas vezes subestimado, a investigadora da UM vê nele uma poderosa metáfora da história e da alma da cidade.

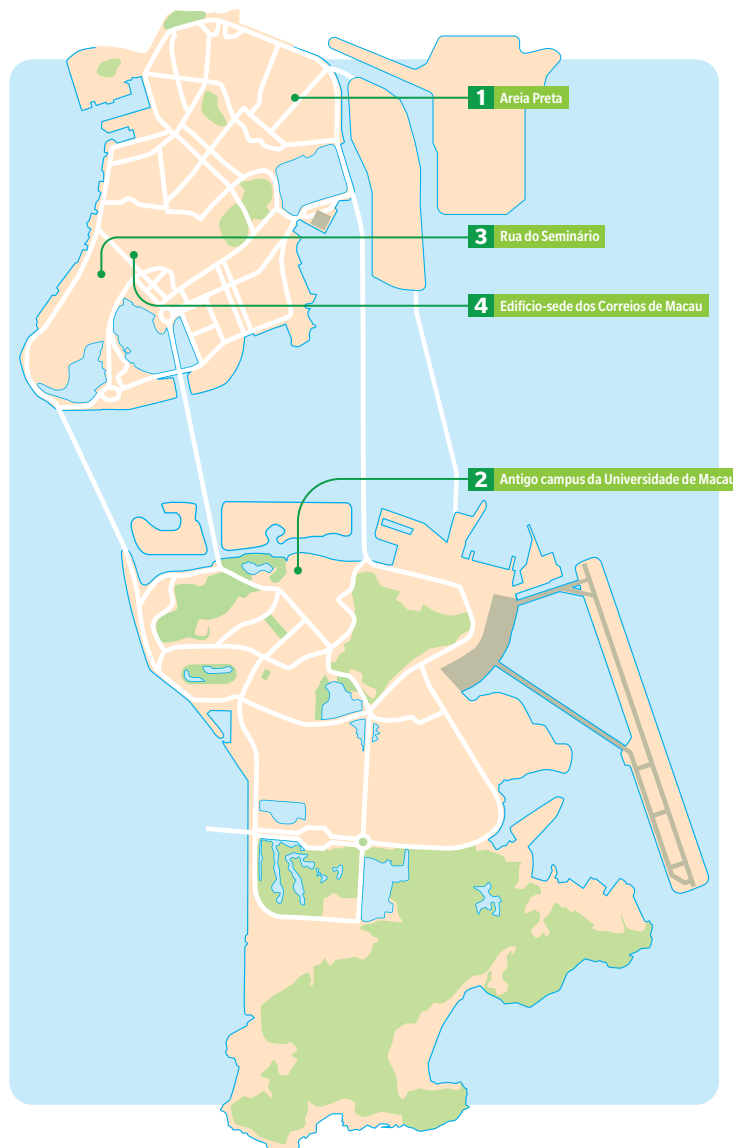
Num dia de um longínquo Verão, Agnes Lam examinou a sua estrutura e viu nela a forma de um grande navio ancorado, uma caravela portuguesa que, depois de longas viagens pelos mares, ali atracou definitivamente. Poética, a imagem – os Correios como uma embarcação carregada de memórias, de narrativas de viagens e, sobretudo, de amor pela terra que a acolheu – ficou-lhe inculcada na mente deste então.

“Escrevi um artigo sobre o edifício porque, na minha forma de ver as coisas, parece-me que carrega muita memória e muita afeição. Comparei-o a um barco

que deixou de poder navegar e ancorou ali, em pleno coração da cidade”, recorda. “É uma metáfora quase tão poderosa como a da água do Lilau. Quem bebe da água do Lilau, jamais esquece Macau, apaixonou-se pela cidade e não quer partir. Penso que é uma metáfora fantástica”, argumenta Agnes Lam, poetisa publicada e premiada, vencedora do Prémio de Literatura de Macau em 1999.

Na sua pacífica monumentalidade, o edifício simboliza os

que ancoraram. Todos quantos permaneceram se enraizaram e contribuíram para a construção de uma cultura excepcional, diz Agnes Lam, para quem o edifício é muito mais do que arquitectura. É um símbolo inescapável da transformação de Macau, de lugar de passagem a lar definitivo. Uma melancólica alegoria que captura a essência de uma cidade onde muitos desaguaram por acaso ou dever e alguns escolheram ficar por amor. ■



Portugal servido *no prato*

O restaurante Mariazinha, há mais de uma década de portas abertas, quer ser uma vitrina do melhor que oferece a gastronomia portuguesa. Para lá dos sabores, diz o gerente **Nelson Rocha**, serve-se um ambiente familiar e acessível, sem descurar uma apresentação cuidada



Texto **Margarida Vidinha**
 Fotografia **António Mil-Homens**

A corda, leva os filhos à escola e segue para o número 8 da Rua do Monte, a poucos passos das Ruínas de São Paulo. “Faço as encomendas, vejo o que está em falta, organizo a parte de escritório e todas as burocracias relevantes. Entretanto, às 11h30, abrimos a porta e fico a ajudar o staff.” É assim que Nelson Rocha descreve o seu dia-a-dia, com foco no Mariazinha, o restaurante português que abriu em Macau há mais de dez anos e que se tornou, entretanto, um espaço de referência no que toca à gastronomia lusa.

A rotina é essencial para a boa gestão do estabelecimento. Nelson Rocha construiu ali uma ponte cultural: transformou o local num lugar de encontro com Portugal.

Se todos em Macau conhecem o final feliz da história, menos saberão que esta esteve quase para não acontecer. Nado e criado entre Matosinhos e o Porto, no norte de Portugal, Nelson Rocha cresceu imerso no mundo da restauração. Por conhecê-lo bem, não era futuro que quisesse para si.

“Os meus pais sempre tiveram restaurantes”, conta. “O meu tio ainda gere os negócios da família, são cerca de meia-dúzia de restaurantes.”

Com apenas 11 anos, Nelson Rocha já ajudava, entre a copa e as salas de refeições: aprendeu cedo a lidar com clientes e

empregados, respirando o ritmo frenético do sector. A experiência traz-lhe disciplina e sentido de responsabilidade, mas também pouca vontade de ver ali caminho para si.

“O meu pai trabalhava imenso e isto é um problema dos restaurantes. Trabalha-se bastante e por muitas horas”, admite o empresário.

Os testes vocacionais realizados durante o nono ano de escolaridade não lhe trazem respostas. A dúvida persegue-o até ao ensino superior, onde estuda Gestão. A ideia era afastar-se da restauração e seguir uma carreira autónoma. No entanto, a experiência académica não o satisfaz.

Depois de experimentar vários empregos, Nelson Rocha rende-se ao óbvio: nada lhe dava o mesmo prazer que a restauração. “Queria lidar com as pessoas, com os problemas, com o staff, com tudo.”

AMOR À CHEGADA

Uma das vantagens de ter começado a trabalhar desde muito novo foi a possibilidade de viajar. “Sempre consegui ter o meu pé-de-meia e esse dinheiro ia praticamente todo para viagens. Comecei a viajar assim que consegui”, partilha.

A curiosidade pelo mundo eventualmente despertou-lhe o desejo de abrir um restaurante fora de Portugal. Não sabia onde, mas a ideia de levar a gastronomia lusa para outros contextos parecia-lhe natural.

É em 2010 que Nelson Rocha pisa Macau pela primeira vez,

numa viagem com amigos. “Apaixonei-me pela cidade. Senti que era o sítio ideal.”

Apesar da certeza, foram necessários três anos para convencer o pai a apoiá-lo na aventura: o progenitor era peça essencial como chef do futuro estabelecimento. A crise económica em Portugal deu-lhes um empurrão e, em 2013, rumaram a Macau. “O meu pai dizia que eu era maluco, sonhador, que não percebia nada da vida. Eu disse que lhe pagava a viagem e ele vinha; só depois de cá estar é que me podia chamar essas coisas todas. Depois de vir, ficou com Macau presa no coração.”

O entusiasmo inicial, no entanto, bateu de frente com a realidade. A inauguração do espaço demorou quase dois anos a ser concretizada, período marcado pelo confronto com a “falta de contactos e desconhecimento do mercado local”, admite Nelson Rocha.

O nome do restaurante tem história. O objectivo foi sempre chamar-lhe “Mariazinha”, em homenagem à mãe do empresário. Mas ela não gostava de ser tratada assim – era como o irmão



No Mariazinha, reina a comida portuguesa autêntica



O restaurante mantém-se no número 8 da Rua do Monte desde que abriu portas, em 2015

a atarantava quando eram crianças – e insistiu noutra designação. O destino, porém, acabou por impor-se: quando surgiu a possibilidade de conflito com outra marca, Nelson Rocha convenceu a progenitora a aceitar a opção original, “Mariazinha”.

Quando finalmente abriram as portas, em 2015, o impacto foi imediato. A novidade espalhou-se de boca em boca entre a comunidade local falante de portugueses. Nelson Rocha recorda que, na altura, quase todos os jornais de língua portuguesa falaram da abertura. “Ajudou-nos imenso!”

A proposta servida pelo Mariazinha ainda hoje é clara: comida portuguesa autêntica, de qualidade, com boa apresentação e a preços comportáveis. Acima disto, pretende-se criar um ambiente familiar, onde clientes e empregados se sintam bem. “Muitos dos membros do staff estão aqui desde que abrimos.

Isso reflecte-se na comida e no serviço. Os clientes sentem-no”, garante Nelson Rocha.

SELO DE CONFIANÇA

O Mariazinha distingue-se pela autenticidade dos seus pratos. Muitos vêm directamente do livro de receitas da família Rocha. “Temos alguns pratos que fazemos em Portugal. Por exemplo, a posta de vitela é o que tem mais saída lá, no restaurante do meu pai”, explica Nelson Rocha. “É uma receita que está connosco há muitos anos... Aliás, o restaurante mais antigo da família tem 45 anos”, nota.

Outros pratos foram introduzidos no Mariazinha para dar a conhecer aquilo que a gastronomia portuguesa tem de melhor. O leitão assado à Bairrada é um exemplo. Em Macau, a iguaria é um dos pratos mais vendidos. “Queríamos dar a conhecer a cultura portuguesa. E o leitão é um

prato emblemático e muito fácil de agradar ao cliente”, refere o empresário.

Pela sua filosofia, o restaurante atrai muitos portugueses radicados em Macau. “A maior parte dos locais visitam-nos quase sempre à hora do almoço por causa do menu executivo.

Já os turistas, outro importante segmento da clientela, procuram pratos emblemáticos, aqueles que associam à culinária portuguesa. O leitão, a francesinha ou o arroz de tomate são escolhas frequentes. Muitos chegam até com referências visuais ou recomendações.

Apesar dos muitos restaurantes portugueses em Macau, Nelson Rocha fala numa concorrência saudável e benéfica. “Há público suficiente para todos. É uma das grandes vantagens de estar aqui.” O espírito de comunidade, em vez de rivalidade, fortalece a presença da gastronomia portuguesa na cidade, acrescenta.

Um dos sonhos de Nelson Rocha é voltar a dar o “pulo”. “Gostava de abrir o Mariazinha noutras localizações, nomeadamente no Interior da China ou no Japão, que foi o local que inicialmente pensei.”

O sonho foi adiado pela pandemia da COVID-19, mas continua presente. A ideia de pegar na autenticidade que conquistou Macau e transportar essa experiência para outros mercados é vista quase como uma missão. “Levar a nossa cultura a outros países é uma tarefa muito digna”, enfatiza Nelson Rocha. ■

ESPECTÁCULO

O regresso de uma virtuosa

Considerada uma das mais influentes intérpretes contemporâneas de pipa, Wu Man tem vindo a desempenhar um papel determinante na projecção internacional deste instrumento tradicional chinês. A artista regressa agora à cidade, a convite da Orquestra Chinesa de Macau.

A pipa, instrumento de cordas dedilhadas com mais de dois mil anos de história, ocupa um lugar central na música clássica chinesa. No entanto, Wu Man tem-se distinguido por expandir os seus horizontes, explorando novas linguagens e contextos performativos. Ao longo das últimas décadas, a artista construiu uma carreira internacional ímpar, actuando em algumas das mais prestigiadas salas de concertos do mundo.

Nascida em Hangzhou e actualmente radicada nos Estados Unidos, Wu Man estudou no Conservatório Central de Música de Pequim, onde se tornou a primeira pessoa a receber o grau de mestre em pipa. Para além da actividade como intérprete, tem-se dedicado à preservação do património musical chinês, num duplo compromisso que define a singularidade do seu percurso.



Concerto de Cordas Friccionadas e Dedilhadas – “Ondas Flutuantes”

Local Centro Cultural de Macau – Pequeno Auditório
Data 12 de Junho
Hora 19:45
Preço A partir de 150 patacas



EXPOSIÇÃO

À (re)descoberta dos mestres

Esta nova parceria entre o Instituto Cultural e o Museu Nacional da China coloca o enfoque nas pinturas de paisagem dos literatos das dinastias Ming (1368–1644) e Qing (1644–1912). A mostra pretende oferecer aos residentes de Macau e turistas uma viagem imersiva pela arte tradicional através de uma experiência estética envolvente.

Em exposição estão 65 obras/conjuntos de pinturas de paisagens criadas entre os séculos XV e XIX, pertencentes à colecção do Museu Nacional da China. A isso, somam-se três projecções digitais, permitindo aos visitantes apreciar a beleza deste tipo de arte clássica sob novas perspectivas.



A mostra apresenta uma série de obras-primas, incluindo os trabalhos “Oito Visões de Pequim”, de Wang Fu; “Pico de Feilai”, de Shen Zhou; ou “Busca por Familiares a Vasta Distância”, de Huang Xiangjian, entre outros. Estão igualmente expostas pinturas de mestres como Dong Qichang, Gong Xian, Xu Yang, Tang Yin, Shitao, Wang Yuanqi e Wu Li.

“Duetos da Natureza: Pinturas de Paisagens das Dinastias Ming e Qing do Museu Nacional da China”

Local Museu de Arte de Macau
Data Até 26 de Julho
Horário Diariamente das 10:00 às 19:00, encerrando às segundas-feiras
Preço Entrada gratuita



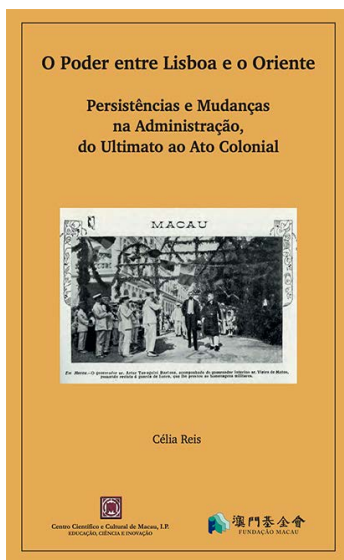
LIVRO

O modelo português

As formas de administração ultramarina portuguesa são o tema central desta nova obra, que se debruça sobre o período entre o “Ultimatum” britânico a Portugal de 1890 e a promulgação do Acto Colonial, em 1930. No livro, a historiadora lusa Célia Reis aborda a evolução e as práticas dos sistemas administrativos em três territórios então sob administração portuguesa: Índia, Macau e Timor.

Durante a época em causa, Portugal atravessou um período de modernização, com a transição da Monarquia para a República, tendo a forma de administração ultramarina sido alterada. A obra não só analisa comparativamente a administração portuguesa em várias regiões da Ásia, como também aprofunda o estudo sobre a estrutura administrativa e a organização institucional de Macau.

O trabalho, de acordo com os editores, contribui para colmatar uma lacuna em estudos sobre a administração portuguesa no Oriente. Neste campo, reveste-se de particular significado para a investigação da história administrativa contemporânea de Macau, é sublinhado.



O Poder entre Lisboa e o Oriente
Persistência e Mudanças na Administração,
do Ultimato ao Ato Colonial

Classificação Temática História

Autor Célia Reis

Idioma Português

Páginas 443

Edição Fundação Macau e Centro Científico e Cultural de Macau, I.P.

Preço 280 patacas

NA REDE

Compreender melhor um princípio singular



No âmbito da visita em Abril do Chefe do Executivo, Sam Hou Fai, a Portugal, o Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) inaugurou na capital lusa a exposição “Macau, Êxitos de ‘Um País, Dois Sistemas’: Transmitir o Legado de Tradição da Amizade Sino-Portuguesa e Escrever Um Novo Capítulo do Princípio ‘Um País, Dois Sistemas’”. Apesar dos milhares de quilómetros que distam entre a RAEM e Lisboa, também o público de Macau pode aceder aos conteúdos da mostra, através de uma página electrónica temática.

Aí, é possível visualizar os textos e fotografias que compõem a exposição, apresentando o desenvolvimento e as profundas transformações ocorridas em Macau desde o seu regresso à Pátria. São também salientadas as vantagens institucionais do princípio “um país, dois sistemas”.

A exposição digital está dividida em seis capítulos, replicando o formato da mostra original. Estão disponíveis vários vídeos, incluindo testemunhos de diversas figuras que acompanharam a transição de Macau e o estabelecimento da RAEM.

“Macau, Êxitos de ‘Um País, Dois Sistemas’”

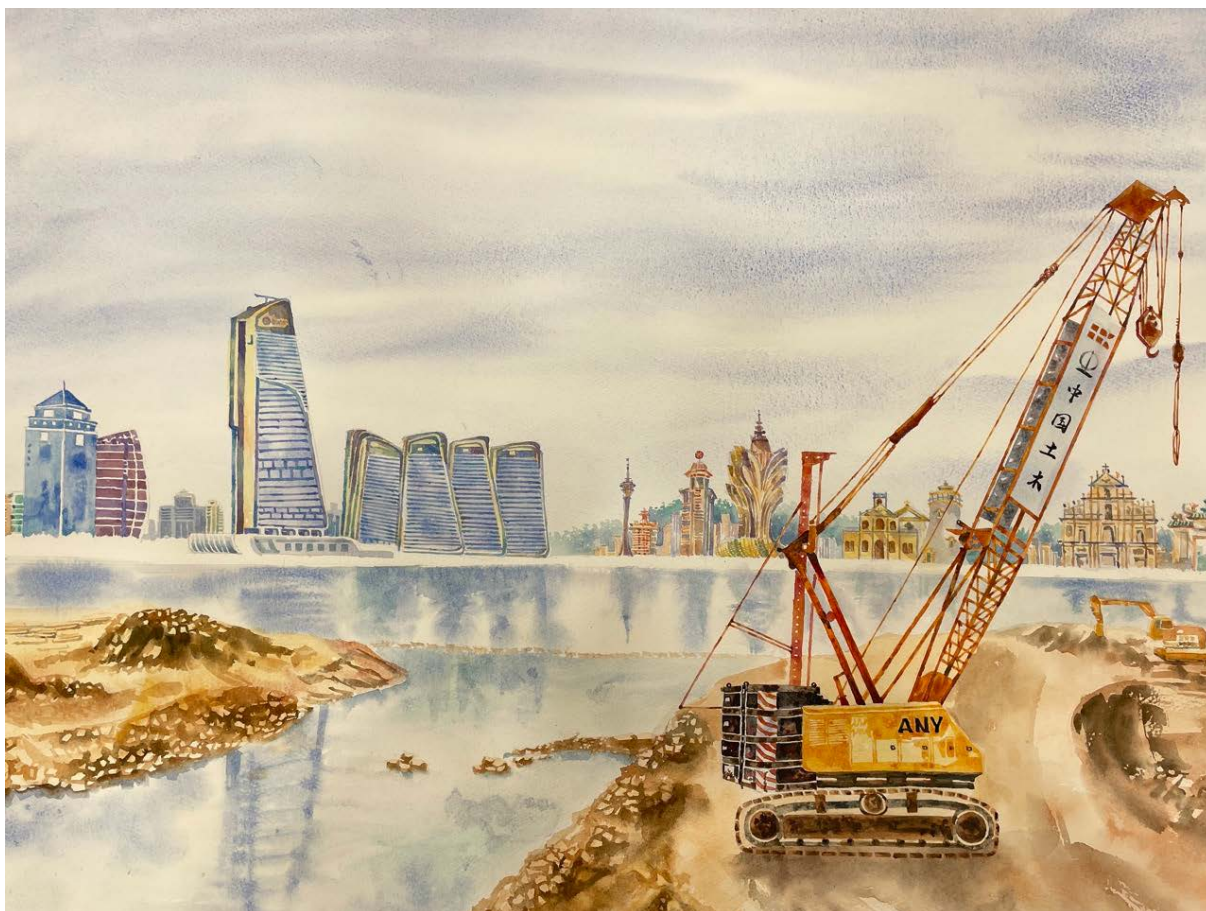
Organização Gabinete de Comunicação Social do Governo da RAEM

Classificação Temática Exposição online

Idiomas Português, Chinês Tradicional, Chinês Simplificado

Website <https://www.gcs.gov.mo/cpexpo2026>





Transformação urbana (2024)
Aquarela sobre papel (76 cm comprimento x 56 cm altura)

Hana Tou Mei Kun

Nascida em Macau, especializou-se em artes visuais em Taiwan, onde obteve uma licenciatura na área, seguida de um mestrado. Antes disso, ainda em Macau, estudou aquarela com o artista Dor Lio Hak Man.

A sua obra é profundamente marcada pela cidade. A isso, somam-se cenas do quotidiano, além de paisagens naturais e ligadas às suas viagens.

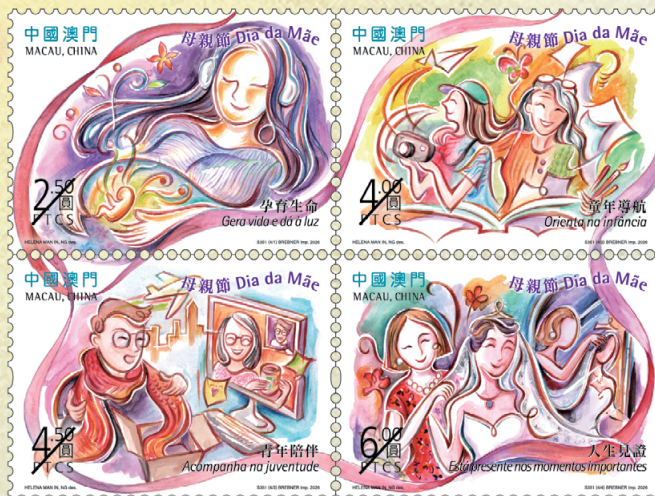
Hana Tou participou em diversas exposições ao longo da última década. Entre Março e Abril, o seu trabalho esteve patente na galeria da incubadora de indústrias criativas Fantasia 10, no bairro de São Lázaro, no âmbito de uma mostra individual.

Além de artista, é professora de artes visuais numa escola secundária de Macau. Está também associada a diversas associações locais ligadas ao sector artístico. ■

Colección Selos de Macau

澳郵藏

Collect Macao's Stamps



集郵微信QRcode



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <https://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau





澳門大賽車博物館
MUSEU DO GRANDE PRÉMIO DE MACAU
MACAO GRAND PRIX MUSEUM



MOTO DESCONSTRUÍDA

Sintam o
Museu do Grande Prémio
Adquira o seu bilhete
no museu ou online

ESTÁTUAS DE CERA DE PILOTOS



As estátuas de cera foram produzidas e de propriedade da Madame Tussauds



EXPERIMENTAR UM DIA DE COMPETIÇÃO



Add: Rua de Luís Gonzaga Gomes n.º 431, Macau



(853) 8593 0515, (853) 8593 0516

<https://mgpm.macaotourism.gov.mo>



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO